

**Universidade Federal de Sergipe
Departamento de História
IV Curso de Extensão:
Técnicas de Ensino de História**

A black and white portrait of an elderly man with a full white beard and mustache, wearing round-rimmed glasses and a dark suit jacket over a light-colored shirt. He is looking slightly to the left of the camera.

**2ª aula - 20/07/2005
A literatura no ensino da história
Prof. Dr. Francisco José Alves**

**Textos, esquemas, bibliografias
e questionários**

SUMÁRIO

História e Literatura, por José Honório Rodrigues.....	03
Machado de Assis, contador de história, por Mário Matos.....	07
Componentes do conto.....	19
Característica do conto, segundo Massaud Moisés.....	20
Bibliografia sobre o conto literário.....	21
Bibliografia sobre Machado de Assis.....	22
Os livros de contos de Machado de Assis.....	23
Aspectos do século 19 presentes nos contos de Machado de Assis.....	24
Etapas do uso do conto no ensino de história.....	25
“Singular ocorrência”, por Machado de Assis.....	26
Guia de literatura.....	34
“Um homem célebre”, por Machado de Assis.....	35
Guia de literatura.....	45
“Frei Simão”, por Machado de Assis.....	46
Guia de literatura.....	56

RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

VI. HISTÓRIA E LITERATURA

Na *Teoria da História do Brasil* chamamos atenção para a importância da literatura como fonte da história social. Na verdade, a obra literária, especialmente o romance e a novela, é uma fonte para a reconstituição histórica. Pode-se dizer que a história é tão necessária para uma completa apreciação literária, quanto a literatura para um completo conhecimento histórico. Para sentir e julgar as relações humanas e sociais, as relações de classe, os costumes, os romances e novelas são um instrumento literário indispensável ao historiador. O historiador ao conseguir o domínio dos grandes romances de cada época que estuda terá sua capacidade de reconstituição muito apurada.

A obra de ficção é uma tentativa de vivência interna, graças ao ato da criação, quando o autor se instala em cada uma de suas personagens, identificando-se com elas, vivendo sua vida, reconstituindo o ambiente, o espírito da época de suas criaturas. Se o historiador não quer apenas reconstituir, por fora, sua história, mas tecê-la com a pura compreensão intelectual, ele deve buscar na ficção a outra verdade e a outra personalidade, o pleno sentido, a recriação unida à criação da época.

Escreveu Alvaro Lins que "toda a História do Brasil se poderá reconstituir e escrever pela nossa literatura em prosa e poesia de ficção". Ele pensava não numa "História Literária do Brasil a mais, ou mais uma História do Brasil Literário, e sim em algo talvez misto, certamente novo e diferente, uma História Literária do Brasil". E esclarecia: "uma história do nosso país, nas fases culminantes e decisivas da sua evolução, de seus problemas e de suas crises, como ela aparece refletida, exclusivamente, nas obras dos poetas, dos romancistas, dos autores em verso e prosa de ficção". E para exemplificar, invocava os escritores e os grandes temas de nossa história que eles haviam tratado em seus romances e versos.

Vou utilizar-me de seus modelos, ampliando-os, para mostrar aos jovens pesquisadores e historiadores as imensas possibilidades da

(22) Os bons livros didáticos franceses apresentam uma orientação bibliográfica e filmográfica. O Instituto do Cinema Educativo, as empresas cinematográficas produtoras de filmes de propaganda são as fontes para filmes desta natureza. O Major Francisco Ruas Santos registra vários filmes sobre a FEB nas *Fontes para a História da FEB*, Rio de Janeiro, 1956, 85-86. A coleção de Jurandir Noronha, de programas do cinema Glória. (Rio de Janeiro, março a dezembro de 1933), num total de 41, redigidos por Humberto de Campos e outros, constitui valiosa fonte não só cinematográfica, como das condições e hábitos da sociedade da época. Ver Jaime Rodrigues, "Programas de 1933", *Correio da Manhã*, 7 de setembro de 1968.

idéia e os benefícios de sua aplicação⁽²³⁾: os poemas de Gonçalves Dias e o estado social e o espírito genuíno dos indígenas; os poemas de Castro Alves e a questão do tráfico africano e da escravidão negra; os romances de José de Alencar e o encontro do colonizador branco com o indígena, não só, acrescento, o romance histórico saído da lenda e da crônica, como *O Guarani*, *As Minas de Prata*, *O Gaúcho Ubirajara* e *Guerra dos Mascates*, mas também toda a obra em que a temática se amplia a fases ulteriores, revelando os sentimentos e o espírito de sua época. “Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira”, dele escreveu Machado de Assis. E também o ambiente citadino dos vice-reis, nas *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; as comédias de Martins Pena, especialmente *o Juiz de Paz na Roça* e *O Caixeiro da Taverna*, apresentam a sociedade e os tipos populares do seu tempo, desde a Regência até os começos do Segundo Reinado; os romances de Franklin Távora, especialmente *Lourenço*, romance histórico da época dos Mascates, *O Matuto*, *Um Casamento no Arrabalde* e *O Cabeleira*, história do banditismo nordestino; os romances regionais de Bernardo de Guimarães, *O Garimpeiro*, *Histórias e Tradições da Província de Minas Gerais*, *O Seminarista*, *A escrava Isaura*, *O bandido do rio das Mortes*; a *Inocência* e *O Encilhamento*, do Visconde de Taunay; toda a obra de Machado de Assis, o romancista do Segundo Reinado; segundo Astrogildo Pereira, “nesses romances e nesses contos muito se terá que estudar e aprender do nosso passado”; “na sua obra, melhor que em qualquer outra, encontramos uma imagem do conjunto mais expressiva do fenômeno brasileiro normal, isto é, da gente e da terra em suas manifestações normais, cotidianas, correntes. O seu regionalismo carioca não o limita, pelo contrário, porque a capital do País sempre foi o ponto de convergência, a súpula, o índice de todo o País (...) As criaturas envolvidas na complicação e nos conflitos que ele explorou nos seus livros, são a réplica literária de outras criaturas de carne e osso, que viveram em dado momento histórico num dado meio social”⁽²⁴⁾; em *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, mostram-se os preconceitos de raça, a tentativa de ascensão social do mestiço e seus desajustamentos sociais, e na *Casa de Pensão* e no *Cortiço* fixam-se aspectos urbanos, examinam-se as relações entre portugueses e brasileiros, as ligações entre portugueses e negras escravas, e descreve-se o comendador português; em *O Ateneu* de Raul Pompéia, aparecem os erros da educação da juventude com o regime do internato; com *Luzia Homem*, de Domingos Olímpio [Braga Cavalcânti], se inicia o romance nordestino moderno, e se retrata a desgraça das secas e da miséria nordestina, o mesmo acontecendo em obras de acentuadas tendências so-

(23) “Sugestão para uma História Literária do Brasil”, *Diário de Notícias*, 22 de abril de 1962, reproduzido in *Os Mortos de Sobrecasaca*, Rio de Janeiro, 1963.

(24) Machado de Assis. *Ensaio e Apontamentos Avulsos*. Rio de Janeiro, 1959, págs. 268, 15 e 18.

ciais, como *A Bagaceira*, *Boqueirão* e *Coiteiros* de José Américo de Almeida, e *Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia* e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Deste há ainda as *Memórias do Cárcere* (4 vols.), que revivem as opressões políticas da ditadura de Vargas. O ciclo da cana-de-açúcar, com a decadência dos engenhos, o aparecimento da usina, o banditismo e a superstição, os cangaceiros e fanáticos do sertão aparecem na obra de José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, *Bangüê*, *O Moleque Ricardo*, *Usina*, *Fogo Morto*, e *Pedra Bonita*; a realidade histórica da Bahia nos romances de Jorge Amado, especialmente em *Cacau*, *Terras do Sem Fim*, contando a história dos pioneiros do cacau, *S. Jorge dos Ilhéus*, a história dos exportadores do cacau; no mesmo ambiente de violência e agressividade se move a ação das personagens de Adonias Filho, em *Os Servos da Morte*, *Memórias de Lázaro*, *Corpo Vivo* e *O Forte*; e os trabalhadores das lavras diamantinas e a dos madeireiros em *Cascalho* e *Além dos maringás*, de Herberto Sales; a vida proletária de Sergipe surge no romance *Os Corumbas* de Amando Fontes, a vida carioca e de certo modo nacional, dos começos da República, a crítica social e política aparecem em Lima Barreto, nas *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, em *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, em *Numa e a Ninfa*, na *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *Os Bruzundangas*; e continua em Marques Rebelo, com os costumes cariosos dos bairros humildes, suburbanos, dos clubes carnavalescos e das estações de rádio, desde *Oscarina*, até *A Estrela Sobe*, enquanto antes, no *Jeca Tatu*, de Monteiro Lobato, se retrata pessimista e caricaturalmente o trabalhador rural, redimido pelo novo conto "Jeca Tatu, a ressurreição"; as situações regionais, agora o nordeste, mostram-se em Peregrino Júnior, *Histórias da Amazônia*, Gastão Cruis, *Coívara* e *A Amazônia Misteriosa*, Dalcídio Jurandir, *Marajó*, *Três Casas e um Rio*, Belém do Grão-Pará, *Passagem dos Inocentes*, *Primeira Manhã*, Josué Montelo, *Os Degraus do Paraíso*, Érico Veríssimo, *O Tempo e o Vento*, Mário Palmério, *Vila dos Confins* e *Chapadão do Bugre*, e Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, onde se continua, embora numa forma estilisticamente revolucionária, a tradição sertanista e do banditismo, no qual o grande sertão é o de Minas Gerais, visto por volta do início do século; no encontro do imigrante germânico com a sociedade brasileira, em *Canaã* de Graça Aranha, e no *Um Rio Imita o Reno*, de Vianna Moog; e finalmente na série *Tragédia Burguesa*, de Otávio de Faria, a decadência moral e social da burguesia.

A qualidade historiográfica da literatura brasileira, sua capacidade de dar a ambientação e a intimidade necessárias à história, de torná-la mais vivida, mais real, ainda se concretiza quando não se esquece de buscar na literatura oral, na chamada literatura de cordel, as harmonias entre o povo e a história⁽²⁵⁾. "A observação

(25) Vide *Literatura Popular em Verso. Antologia*, t. 1. Casa de Rui Barbosa, 1964.

da realidade é comum ao romancista e ao historiador. A maneira de exprimi-la é que é diferente. O historiador expressa-a em fatos, em conceitos. O romancista movimenta-se em imagens", escreveu Dalcídio Jurandir ao examinar *Terras do Sem Fim* de Jorge Amado⁽²⁶⁾. Ambos, romance e história, participam desse aspecto fundamental, narram uma história e obedecem ao tempo. A função do enredo é essencial, embora o valor literário seja mais exigido no romance que na história. Mas é necessário que o romancista esteja literariamente integrado no problema realístico de representar o meio em que viveu ou vive. A obra de ficção torna-se uma fonte imediata do historiador porque ela se vincula à realidade histórico-social do seu tempo, e a dupla criação e recriação são etapas de um mesmo processo histórico.

Em Machado de Assis, além do romancista, o historiador vai buscar no cronista, especialmente de *A Semana*, ou das *Páginas Escolhidas*, a reconstituição de fatos, do ambiente, dos personagens e do espírito da sua época. "A história é isto. Todos somos os fios do tecido que a mão do tecelão vai compondo, para servir aos olhos vindouros, com seus vários aspectos morais e políticos", escrevia Machado de Assis em 1895⁽²⁷⁾.

Ao contrário do romance, o chamado romance histórico não serve ao historiador, pois é quase sempre uma deformação. Por maior que seja o seu êxito literário, a novela histórica é infiel, falsa e incongruente, estabelecendo o conflito entre a informação verídica e a invenção⁽²⁸⁾. A novelística brasileira nasceu com a novela histórica, em *O Aniversário de D. Miguel em 1828* (1839), de João Manuel Pereira da Silva, e a *Crônica do descobrimento do Brasil* (1840), de Francisco Adolfo de Varnhagen. Desde então foi sempre muito praticada, mas a sua bibliografia ainda não foi levantada⁽²⁹⁾.

ACERVO
Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe

(26) "A realidade histórica no romance", *Imprensa Popular*, 29 de agosto de 1954.

(27) *A Semana*, Rio de Janeiro, s. d., 227-228. A bibliografia essencial encontra-se em Francisco de Assis Barbosa, "Romance. Contos. Novelas", in *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*, Rio de Janeiro, 1949, 684-705, e Otto Maria Carpeaux, *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, 1955.

(28) O melhor estudo é o de Amado Alonso, *Ensayo sobre la novela histórica* (Buenos Aires, 1942), muito superior ao ensaio de D. Marcelino Menéndez y Pelayo, *Discursos leídos ante la Real Academia de la Historia* (13 de maio de 1883), Madri, 1883. Obra de merecimento é a de Gustave Dulong, *L'Abbé de Saint-Réal. Etude sur les Rapports de l'Histoire et du Roman au XVII^e siècle*. Paris, 1921, 2 vols.

(29) Há vários estudos nacionais sobre a novela histórica, mas os melhores guias, abrangendo quase todos os países, são: Jonathan Nield, *A Guide to the best historical novels and tales*, Londres, 1904; Ernst A. Baker, *A Guide to historical fiction*, Londres, 1914; Alfred Duggan e W. A. Taylor, *Historical Fiction*, Cambridge, 1957. A segunda é mais completa, e a terceira a mais modesta.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de (1839-1908). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986. v. 2.

ACERVO
Dr. Francisco José Alves
Araçá - Sergipe

MACHADO DE ASSIS, CONTADOR DE HISTÓRIAS *

MÁRIO MATOS

ENTRE NÓS, até a época do Romantismo, é escasso o gênero, sendo poucos os escritores que se dedicaram à especialidade. Poucos e maus. Parece que se inicia o hábito de contar pela forma de folhetins com José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Luís Guimarães Filho e alguns mais. Não eram propriamente histórias as páginas que se escreveram então, mas crônicas, movimentadas por entrecho tênue. Predominava o tom descritivo e romântico. Os verdadeiros contistas apareceram com o advento da escola naturalista. Em determinada fase, indicada por Alfredo Pujol, em suas conferências a respeito de Machado de Assis, a vida literária fazia-se por intermédio da imprensa. Um dos centros do movimento era a *Gazeta de Notícias*, ao tempo em que era dirigida por Ferreira de Araújo, autor também de alguns contos apreciáveis, perdidos nas folhas volantes. Colaboravam naquele diário Ramalho Ortigão, Eça de Queirós e Guilherme de Azevedo. A influência romântica d'*A Ilustre Casa de Ramires* foi intensa e extensa na literatura brasileira. Foi mesmo a influência mais decisiva, tratando-se de escritor estrangeiro. Os nomes em voga, por aquela época, como jornalistas, cronistas e especialmente como *conteurs*, eram os de Ferreira de Araújo, José do Patrocínio, Ferreira de Meneses, Valentim Magalhães, França Júnior, Urbano Duarte, Aluísio e Artur Azevedo, Raul Pompéia, Lúcio de Mendonça, Artur de Oliveira, Escragnolle Dória, Tomás Alves Filho, Coelho Neto, José Veríssimo e, mais tarde, Júlia Lopes de Almeida, Inglês de Sousa, Garcia Redondo, Valdomiro Silveira, Afonso Arinos, Virgílio Várzea, Medeiros e Albuquerque, Domício da Gama, Pedro Rabelo e muitos outros. Posteriormente, ainda surgiram, para só citar os de maior nomeada, Lima Barreto, Alcides Maia, Lima Campos, Monteiro Lobato, Humberto de Campos e, atualmente, Godofredo Rangel, Gastão Cruls, Marques Rebelo, Ribeiro Couto e Rodrigo Melo Franco de Andrade. São estas, citações exemplificativas, fique entendido, que nem será possível nomear quantos contistas hajam surgido no Brasil. Referimo-nos aos que se salientaram pela feição da especialidade e que, de alguma maneira, se ligaram ou conjugaram com a atividade artística de Machado de Assis.

Se o conto não representou, aqui, nenhuma significação romântica, figura como uma das reações aos processos do Romantismo. Pela sua

* Publicado em *Machado de Assis: Homem e a Obra — Os Personagens Explicam o Autor*. São Paulo, Companhia Editora Nacional ("Brasiliana"). 1939.

o espírito que lhe anima os livros de histórias é o humorismo. Humorismo superficial ou faceto nas duas primeiras séries — *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia-Noite*. Humorismo mais doloroso nas produções posteriores. Uma ou outra vez, vem o escritor com um conto moralizante, ceticamente moralizante, se é possível dizer assim. Mas isto é exceção. São fatos acidentais de sua pena vadia. É exceção.

Machado de Assis tateou durante algum tempo para assentar a mão como *conteur*.

Condúz as cenas canhestramente, sem naturalidade, forçando mesmo as situações. Há falta de continuidade lógica nos acontecimentos. O artifício é evidente. Algumas histórias parecem esboço de comédias, como por exemplo "Linha Reta e Linha Curva". Ainda não tem o autor a necessária parcimônia nos diálogos. Para sentir bem a evolução do escritor, rumo da perfeição, basta a leitura seguida dos livros que se sucederam. Os dois primeiros — *Contos Fluminenses*, publicados em volume de 1869, e *História da Meia-Noite*, que se lhes seguiram em 1873, são fracos. Trata-se de contos muito longos. Já em *Papéis Avulsos*, dados em livro em 1877-1882, se nota notável aperfeiçoamento. Todos os contos são excelentes. Vêm, em seguida, *Histórias Sem Data*, em 1884, *Várias Histórias*, em 1896, *Páginas Recolhidas*, em 1899, *Relíquias de Casa Velha*, em 1906, e as duas coletâneas póstumas de *Outras Relíquias*. Os contos que não figuram nesses volumes foram enfeixados na publicação recentemente feita de sua obra integral. Alfredo Pujol faz uma divisão dos contos de Machado de Assis, segundo a natureza dos assuntos. Divide-os em duas categorias: contos de observação da vida exterior e de análise psicológica; fantasias, diálogos e apólogos, em que predominam o filósofo e o moralista.

A edição da obra de Machado de Assis, feita pela extinta Livraria Garnier, está inçada de erros. Principalmente a edição dos contos. Erros crassos, de concordância, de ortografia, de pontuação, de palavras, erros de toda natureza. É um fato que denuncia desleixo completo, comprometedor dos créditos intelectuais daquela livraria. A leitura é prejudicada quase que de página a página. E não se pode garantir nenhuma citação apanhada em tais obras, porque a responsabilidade filológica do escritor, diante de tantos descuidos, não é apurada. É pena, porque na arte de contar é que o estilo de Machado se revela com especiais características.

O estudo de seu estilo, através dos contos, exemplifica-lhe uma das mais claras modalidades de valor literário. Apreciando-o sob qualquer forma, é necessário voltar a esta consideração do estilista. Ives Gandon supõe que seja possível haver ao mesmo tempo bom romancista e mau estilista.¹ E amplia o caso ao conto. Não sei se tem razão. Pode ser, mas duvido.

É preciso distinguir. Mau, inteiramente mau estilista é impossível. Primeiro, porque nenhum prosador deixa de possuir estilo, pois não pode abdicar da personalidade. Em segundo lugar, é o estilo fator de verossimilhança na criação de tipos e na descrição do ambiente. Ives

¹ *Le Roman de Style*, p. VI.

Gandon apóia a sua na opinião de André Gide, que chega até a dizer que procurar o banal é tornar-se o mais humano possível. Verdade que nas restrições postas no exame do assunto, o autor de *O Demônio do Estilo* volta ao critério do meio-termo, e termina por firmar o princípio de que uma obra talvez não vive pelo só estilo, mas não subsiste sem ele. Convém objetar que o mesmo estilo sem estilo, que é o estilo de André Gide, é originalidade de estilo. E um pouco afetado, o que é um mal, uma falta de espontaneidade. Representa um preconceito.

Passada a fase do começo, com o gosto e prazer que teve sempre em compor contos, todos os mais que vejo escrevendo são modelares, não havendo, em língua portuguesa, principalmente do ponto de vista da graça, da sutileza e do engenho, quem o possa suplantar.

Em número considerável de contos, dos melhores de sua obra, as figuras centrais são mulheres, cujos pequenos dramas ou angústias analisa com minudência percuciente. Logo na primeira obra que publicou, tal propensão psicológica se observa em quase todas as histórias, como sejam em "Miss Dollar", "A Mulher de Preto", "O Segredo de Augusta", "Confissões de Uma Viúva Moça" e "Linha Reta e Linha Curva". A alma feminina representa uma de suas preocupações costumeiras. Em *Histórias da Meia-Noite*, que se seguiram ao primeiro livro, o mesmo tema, com variações diferentes, é abordado em "A Parasita Azul", "Ponto de Vista" e "O Relógio de Ouro", que é o melhor conto do livro. Já na terceira obra, *Papéis Avulsos*, o assunto, como *leitmotiv*, surge em "D. Benedita" unicamente. *Histórias Sem Data* volta a versar a alma feminina em contos finos e graciosos, como são "Uma Senhora", "Capítulo dos Chapéus", "Noite de Almirante", "A Senhora do Galvão", "Primas de Sapucaia" e "Manuscrito de Um Sacristão". Em "Uma Senhora", Machado põe de manifesto os tormentos de envelhecer para a alma de uma mulher vaidosa, D. Camila. É uma página cheia de realidade. "Noite de Almirante" é um dos seus contos mais bem feitos, em que estuda a volubilidade do amor no coração de uma cabocla, "Capítulo dos Chapéus" são trechos que fixam as pequenas discórdias familiares entre marido e esposa, demonstrando sua velha habilidade nestes estudos.

Em *Várias Histórias*, seu quinto livro de contos, temos o mesmo pensamento em "A Cartomante", "Uns Braços", "A Desejada das Gentes", "D. Paula" e "Mariana". Nos contos que vieram depois, *Páginas Recolhidas*, vemos "Missa do Galo" e "Eterno". Em *Outras Relíquias*, aparece o tema em "Viagem à Roda de Mim Mesmo".

O que se verifica a respeito de mulheres é o mesmo relativamente ao estudo de tipos, que exprimem, pelos hábitos e gênero de vida, certos costumes da época. Machado de Assis explica a fisionomia social pelos personagens. É assim que o hábito ridículo do namoro constitui o tema de muitas histórias, no feitio de "Ernesto de Tal", em *Histórias da Meia-Noite*. Os tormentos que o cacete espalha estão bem descritos em "A Chinela Turca" e no "O Empréstimo", em que há um parasita-cacete. O caloteiro representa o assunto de "O Lapso". Em "Galeria Póstuma", encontram-se vários tipos, expressivos dos

costumes da cidade. No "Relógio de Ouro", retrata os percalços de um marido conquistador, dado à vadiagem. Em "Um Erradio", caracteriza um tipo estúrdio, poeta e boêmio, moço dotado de imenso talento, que acaba não realizando nada na vida. Em *Outras Relíquias*, topamos com um jogador de bicho em "Jogo do Bicho". No "O Escrivão Caminha", a mania de comprar bilhetes de loteria. A abusão, muito generalizada nos centros urbanos, como aliás em toda parte, de consultar pitonisas, assunto de predileção por parte de Machado em vários pontos de sua obra, está pitorescamente descrito em "A Cartomante". "Um Homem Célebre" é a caracterização de um compositor de polcas, dessas polcas infalíveis e eternas, eternamente assoviadas pelos malandros e tocadas eternamente pelos pianos suburbanos das cidades. E assim mostra o autor, através dos contos, a alma inteira e divertida da urbe, tanto em seus aspectos joviais como na sua paisagem triste. É isto que lhe dá à obra uma inconfundível feição nacionalista, de tal modo, que ao lê-lo sentimos o Rio de seu tempo emotivamente, com as suas feições vivas. São os tipos, os costumes, as casas e as ruas, dados como em um cosmorama. Do autor podemos dizer o que escreveu, ele mesmo, sobre José de Alencar em *Páginas Recolhidas*: há um modo de ver e sentir que dá a nota íntima da nacionalidade, independente da face externa das cousas.

Às vezes, até, revive tempos bem antigos, os tempos de criança, em que cursava a escola pública. A inventiva não consegue apagar a realidade das recordações, que se sentem exatas pelos pormenores, guardados na lembrança comovida.

Há, em Machado, predileção pelo mar. São recordações de sua meninice, passada na Gamboa e na Saúde. É um mar triste, são águas de lugares ermos, com o ritmo de ondas cansadas. De vez em quando, aparece, nos escritos, uma ligeira *marinha*, desenhada pelo recorte de duas ou três pinceladas cismativas. Vê-se o mar, sente-se o mar.

Mas não são só esses os motivos de sedução nos contos do autor de *Relíquias de Casa Velha*. Ele tem um hábito mental interessante, que explicou uma ocasião, de passagem, em frase simples. É o desejo de exatidão filosófica, a busca da verdade genérica, da verdade vazada em aforismo — explica ele — que existe latente no espírito dos leitores. A lei tirada da experiência de cada dia é um dos centros de interesse da leitura. Ora, seguindo invariavelmente, o prosador semeia afirmações e sentenças por tudo o que escreve, quer no conto, quer no romance, quer na crítica, quer mesmo na poesia. Aí vemos sua maneira de doutrinar. E encontramos trechos assim quase que em todos os contos. Vamos colhê-los de livro a livro. Começemos pelo primeiro: *Contos Fluminenses*. Logo na segunda página, afirma que a "mãe de família deve ser fecunda e ignorante. Tirei do mundo o cão", sentencia; e o "mundo será ermo". Observa que "algumas pessoas, que têm salas elegantemente dispostas, costumam deixar tempo de serem estas admiradas pelas visitas". "O ridículo é uma espécie de lastro da alma, quando entra no mar da vida; algumas fazem toda a navegação sem outra espécie de carregamento". "Diz-me como moras, dir-te-ei quem és".

Em *Histórias da Meia-Noite*, lê-se esta afirmativa, porventura o

gêrmen do seu conto "Teoria do Medalhão": "a gravidade não é nem o peso da reflexão, nem a seriedade do espírito, mas unicamente certo mistério do corpo, como lhe chama La Rochefoucauld".

Quando apareceu aquele conto seu, repetiu o mesmo pensamento.

Em *Papéis Avulsos*, excelente recolta de histórias, há numerosa soma de aforismos. Assim, assegura: "Não há raciocínio nem documento que nos explique melhor a intenção de um ato do que o próprio autor do ato". "Esquecer é uma necessidade", aconselha Machado. "A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa pagar o caso escrito. Obra de lápis e esponja."

Sentencia, em *Histórias Sem Data*, que "a liberdade não morre onde restar uma folha de papel para decretá-la". Depois, dá uma norma de estilo por estas palavras avisadas: "O melhor é afrouxar a rédea à pena, e ela que vá andando, até achar entrada. Há de haver alguma; tudo depende das circunstâncias, regra que tanto serve para o estilo como para a vida; palavra puxa palavra, uma idéia traz outra, e assim se faz um livro, um governo ou uma revolução; alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compôs as suas espécies".

A respeito da fugacidade das notícias dadas em jornal, tem o autor, em *Páginas Recolhidas*, este comentário: "Notícias da manhã, lidas à noite, produzem sempre o efeito de modas velhas; donde concluo que o melhor encanto das gazetas está na hora em que aparecem". E outra vez discorre de arte por modo gracioso: "nos climas ásperos, a árvore que o inverno despiu é novamente enfolhada pela primavera, essa eterna florista que aprendeu não sei onde e não esquece o que lhe ensinaram. A arte é a árvore despida; eis que lhe rebentam folhas novas e verdes".

"Não há descanso eterno, nem ainda o das sepulturas", avisa o autor em *Outras Relíquias*. "Um dia lá vem a mão do arqueólogo a pesquisar os ossos e as idéias." "Loteria é mulher, pode acabar cedendo um dia." "A autoridade dos mortos não aflige e é definitiva."

Em *Várias Histórias* diz que "há idéias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pou-sam". "As cousas valem pelas idéias que nos sugerem." Em *Relíquias de Casa Velha*, colhem-se, entre outros, estes pensamentos: "Preguiça amamenta muita virtude. Sempre é alguma cousa minguar força à ação do mal". "Um relâmpago deixa a escuridão mais escura." "A vida tem encruzilhadas, como outros caminhos da terra." Finalmente, em *Novas Relíquias*, no conto intitulado "Filosofia de Um Par de Botas", nota-se o mesmo modo de contar e comentar. "Digeria o estômago, enquanto o cérebro ia remoendo, tão certo é que tudo neste mundo se resolve na mastigação." E mais esta digressão de uma bota, que depois o autor desenvolveu em conto: "podes crer que fizemos felizes aqueles a quem calçamos; ao menos na nossa mocidade. Tu que pensas? Mais de um não olha para suas idéias com a mesma satisfação com que olha para suas botas. Mana, a bota é a metade da circunspeção; em todo o caso é a base da sociedade civil".

O pensamento, a sentença, o aforismo representam um dos recursos do humorismo de Machado de Assis. Comenta humoristicamente, e

assim se vê no romance, no conto e nas crônicas. É a posição de seu espírito.

É de notar que a leitura da obra de Machado de Assis, e incluso os contos, está visto, sua leitura prende e encanta, mas não emociona nem transporta o leitor. Não é leitura que alegre ou pacifique. Não sei mesmo como diga. Não é leitura que satisfaça as ânsias ou aspirações do espírito. Há nos livros dele qualquer coisa que enjoa, que faz aborrecer a vida. Dá tédio, infunde melancolia. Aviva certa inquietação, maus pressentimentos. Coisas, afinal...

Por quê?

Primeiro, julgo que seja o humorismo o motivo dessa impressão pessimista. Um dos mais evidentes sinais do humorismo é ser, ao mesmo passo, trágico e cômico, quer dizer, inapto a provocar lágrimas ou riso separadamente. Mistura-os. Deixa-nos em situação perplexa, entre a emoção e a vontade de rir. Segundo, é porque Machado de Assis possui perfeição no estilo, mas não tem pujança, força ou movimento profundo. Tem graça e harmonia, falta-lhe ímpeto e poderio. Isto é que é. O escritor plenamente vitorioso seria o que demonstrasse em conjunto pujança e perfeição no estilo. No *Discurso aos Surdos*, Guglielmo Ferrero urde uma porção de considerações razoáveis sobre essas duas tendências do gosto em todas as épocas. Para marcar bem os dois tipos de estilo, cita exemplos. Lembra Cícero e São Mateus. O primeiro discorre em linguagem aérea, cheia de harmonia, em doce encadeamento de idéias. O segundo fala em língua fragmentada e sintética, erizada de curtas frases condensadas. Um é como vasta planície, rica e planturosa; outro é uma montanha apocalíptica, coberta de picos abruptos. O primeiro é a perfeição. A pujança é o segundo. Machado de Assis filia-se entre os prosadores cuidadosos da forma e do gracioso dos pensamentos. Falta-lhe patos. Não tem flama. Os estilistas que mais agradam, porque obedecem mais ou menos às duas feições, são os que harmonizam aquelas virtudes estilísticas. Evoquemos o caso de Maupassant, e o de Monteiro Lobato entre nós. Na "Bola de Sebo", há, ao par da perfeição, a força. No conto do "Boca-torta", de Monteiro Lobato, vemos força, ao par de perfeição. Machado de Assis não escreveu nenhum conto, movido de grande comoção. Em seus romances mesmo, são muito raras as passagens fortes. Entre estas, constituindo exceção, devemos citar, como exemplo de pujança e perfeição, a página vibrante de "O Delírio", no *Brás Cubas*. Além desta, talvez uma ou outra do final de *D. Casmurro*, como a cena do envenenamento. De mais trechos não temos lembrança, se é que existem. Toda vida, Machado de Assis se mostrou inábil para fixar as paixões veementes do coração humano. Tal insuficiência é que lhe motiva a admiração pelos trágicos gregos, a predileção por Shakespeare e pelos escritores da tragédia francesa. E também o entusiasmo pelos déspotas, pelas figuras cesarianas. Ao contrário, nunca se manifestou a respeito de D. Pedro II.

Voltemos, porém, à apreciação dos contos. Vale referir ainda, neste sentido, que Machado, contista, volteia sempre, como no ro-

mance, na crônica e na poesia, em redor de temas nucleares em sua obra. São os da indecisão, da dúvida, da idéia fixa de perfeição, da loucura. . . Eis aí assuntos preferidos de suas histórias. O enredo em torno do qual gira *Esau e Jacó* é, por exemplo, idêntico ao que anima, em *Várias Histórias*, o "Trio em Lá Menor". Maria Regina debate-se na indecisão do mesmo problema que afligia a Flora. Aquela não se decidiu entre Maciel e Miranda. E, afinal, como a outra, também não seleciona, não se pronuncia por nenhum. Como pêndulo, o espírito oscila entre um e outro, diante de ambos os dois. Repete-se também, no texto do conto, episódio igual a outro, que se verifica em *Quincas Borba*. Nesta obra, Rubião salva de um atropelamento a uma criança, por nome Deolindo. E fica com a mão machucada. Em "Trio em Lá Menor", Maciel livra das rodas de um carro um menino e também sofre escoriações em uma das mãos. No romance, passado tempo depois do fato, Deolindo forma com os demais moleques de rua para vaiar Rubião, presa de loucura. Aqui no conto, é o rival de Maciel, é Miranda quem analisa o fato amargamente, ao dizer que Maciel preservou talvez a vida a um desalmado que algum dia, sem o conhecer, pode meter-lhe uma faca na barriga.

"— Oh! não diga isto! protestou a avó de Maria Regina.

— Ou mesmo conhecendo, emendou Miranda."

Ainda nesta mesma coleção de contos, vemos o assunto da indecisão em "O Diplomático". Um namorado perplexo, chamado Rangel, vê a moça, a quem ama, arrebatada, em uma só noite, por um rapaz, alegre e executivo, o Queirós, que num átimo lhe conquista o coração. A pequena história, "Uns Braços", versa também o tema da indecisão, com algumas modificações. E como estes, outros e outros. . .

A dúvida constitui outrossim uma sorte de angústia permanente no espírito do autor e dos personagens. Ao lê-lo, deparam-se-nos numerosos trechos em que a dúvida aparece, seja a respeito da solução de um problema, seja em comentários a quaisquer fatos. Machado de Assis, quanto à opinião, é um escritor dubitativo e ansioso.

Outra feição característica de sua obra. A ânsia de perfeição. Não se evidencia simplesmente pela forma. É a alma dos personagens. É a súpula dos assuntos. Pululam os exemplos, e constitui, sobretudo, o enredo de muitas histórias contadas por ele. Vamos a ver.

O Pestana de "Um Homem Célebre" é criatura descontente, sem embargo do êxito das polcas que compõe. Os ouvintes o aplaudem, ele se populariza, a cidade inteira decora-lhe as músicas. Em vão! Ele sofre, remói o pesar íntimo, o sofrimento escondido. Suas vitórias são tormento. Quisera ser autor de um trecho clássico, comparável a Chopin ou a Mozart. Seus ídolos são músicos célebres, cujos retratos tem sempre em frente aos olhos. É incompreendido. O estrepitoso êxito de suas polcas — *Candongas não Fazem Festa, Pingos de Sol, Senhora Dona, Guarda o Seu Balaio* — o aborrece profundamente. Um triste incompreendido, à busca da perfeição ideal, que lhe fugiu para sempre.

Caso igual é o de Romão Pires, em "Cantiga de Esponsais". Tra-

ta-se de um regente de orquestra. Mas tal regente, que só em dizer — rege a missa o Mestre Romão — era o mesmo que este anúncio: “Entra em cena o ator João Caetano”. Assim era sua voga. Entretanto, Romão Pires trazia consigo, bem no secreto do coração, o desejo de escrever uma página clássica. Tinha vocação íntima da música, mas não sabia traduzi-la. “Parece que há, observa o autor, duas sortes de vocação, as que têm línguas e as que não têm. As primeiras realizam-se; as últimas representam uma luta constante e estéril entre o impulso interior e a ausência de um modo de comunicação com os homens. Romão era destas.” Vivia preocupado com certo canto esponsalício, principiado três dias depois de casado e que nunca terminou. Não conseguiu concatenar-lhe as frases, nunca lhe pôde apanhar a melodia inteira. Levou consigo, escondido, para o outro mundo, o pesar que lhe amargurou a vida toda.

De algum modo, no conto — “O Dicionário” — desenvolve-se igual tema. Em trechos ou em passagens de conto e crônica, como nos romances, o assunto da perfeição inatingida é apresentado pelo escritor com várias interpretações. Inúmeros pensamentos, semeados em suas páginas, o traduzem multifariamente.

Também dominou o espírito de Machado de Assis, conforme tivemos ensejo de mostrar em outra parte, o fenômeno da loucura. Notamos o fato nos seus contos. Uma de suas melhores histórias é “O Alienista”, em que trata de loucos. “A Segunda Vida” é o diálogo entre um padre e um louco. No “O Enfermeiro”, surge um tipo meio maluco. O Fortunato de “A Causa Secreta” é um sádico, evidentemente insano. O personagem de “O Espelho” apresenta o caso de dupla individualidade. O Nicolau da “Verba Testamentária” é indivíduo de cérebro desarranjado. Assim alguns mais. Releva observar que o tipo de doido é assunto que não se presta para o conto. Justifica-o no conto só mesmo a mania de Machado de Assis.

Em menor escala, podemos dizer, sob outro aspecto, que o autor de *Contos Fluminenses* mostra preferência por assinalados tipos. O avaro, o cacete, o poeta e o orador. Quando tratamos do romancista, frisamos o caso. Mas é preciso voltar aqui ao assunto, porque os contos o forçam. Vemos, na história “Entre Santos”, um avaro. Outro em “Anedota Pecuniária”. Ao longo de sua obra, notam-se observações sobre a avareza em número avultado, como também sobre tipos de avaro. É o que se dá com referência ao poeta, ao cacete e ao orador. Lendo-se Machado de Assis nos contos, percebe-se uma coisa interessante: as predileções do homem. Quais são? Predileção pelos cães, pela música, pelas rosas e pelo teatro. Os indícios pontilham as páginas das suas histórias. O mesmo fato nos romances. O mesmo caso nas crônicas.

Encarado o assunto por face diferente, parece que o ato de contar, para o prosador de *Brás Cubas*, teve duas causas: — a obrigação de colaborar em jornais e revistas, com o fito de ganhar dinheiro e satisfazer a pedidos; a tendência íntima de seu espírito. O que tudo leva a dizer que são os contos, na quase totalidade, escritos de ocasião, feitos sob o compromisso da hora marcada. Disse, e aqui repito,

que as histórias contadas por ele se ressentem desta falha. O próprio título de algumas *coleções* assim o indica: *Papéis Avulsos*, *Páginas Recolhidas*, *Histórias Sem Data*, *Relíquias de Casa Velha*. Uma ou outra coletânea não tem unidade, juntando no mesmo volume o conto, a crônica, o discurso e a poesia. Recolheu o autor a vária produção, espalhada pelas folhas do tempo. E defende a diversidade da matéria, no rosto de uma das obras, com a palavra jovial de Montaigne: *Quelque diversité d'herbes qu'il y ait, tout s'enveloppe sous le nom de salade*.

Quis outrossim, ao fazer o conto, divertir ou entreter o público, seguindo o conselho filosófico de Diderot, que o autor põe, como legenda, na face de dois livros de histórias. Diz assim o enciclopedista: quando se conta uma história, o espírito fica alegre, o tempo se escoia, e o conto da vida acaba, sem a gente dar por isso. Obedecendo a tal critério, mostrou-se toda a vida um contador bonomista e sentencioso, desde a mocidade até a extrema velhice. De todos os escritores brasileiros, foi o que escreveu maior número de contos e, sem dúvida, os melhores. Nem todos serão ótimos, isto é impossível. Muitos o são. Na maior parte são excelentes. Alguns serão desleixados, passageiros, fúteis. É o menor número.

Entre os mais finos e expressivos, quais os melhores? Bem difícil responder. O mais razoável, por ser a questão opinativa, é dar à pergunta solução realista, segundo o seguinte critério. Apontar os contos que se tornaram populares, indicar os da preferência dos biografos de Machado de Assis e, por último, nomear os de nosso gosto. O leitor, afinal, fará o julgamento.

Na opinião de Lúcia Miguel Pereira, os mais significativos são "Cantiga de Esponsais", "O Espelho", "Missa do Galo", "Noite de Almirante", "Um Férias" e "Evolução".

A escolha de Alfredo Pujol recai no "O Enfermeiro", no "O Alienista", "Uns Braços", "Missa do Galo", "O Empréstimo", "Último Capítulo", "Anedota Pecuniária", "A Causa Secreta", "D. Paula", "Trio em Lá Menor", "Teoria do Medalhão" e "Uma Senhora".

Augusto Meyer analisa "Trio em Lá Menor", "D. Benedita", "Um Homem Célebre", "O Alienista" e "O Espelho", e expõe que são documentativos do espírito do escritor.

Teixeira Soares classifica de maravilhoso seu "Conto de Escola". "Noite de Almirante" é para ele um dos mais belos contos da língua portuguesa; "Chinela Turca" representa um modelo de finura humorística. Cita "Um Erradio", "Paí Contra Mãe", "O Relógio de Ouro", "Entre Santos", "Uns Braços", "Um Homem Célebre".

Viana Moog comenta "O Alienista", anota "Galeria Póstuma", "A Igreja do Diabo", "Teoria do Medalhão", e "Viver".

Peregrino Júnior refere-se a "Um Capitão de Voluntários", "Conto de Escola", "Um Homem Célebre", "Trio em Lá Menor" e a muitos outros, se bem que no intuito de indicar a repercussão da enfermidade do escritor em sua obra. Sílvio Romero, tão rigoroso que foi com Machado, nomeia o "famoso" conto "O Cônego", "O Enfermeiro" e "A Igreja do Diabo".

Suponho, de minha parte, que as histórias mais bem ditas de Machado de Assis sejam "Conto de Escola", "Anedota do *Cabriolet*", "Noite de Almirante", "A Chinela Turca", "Missa do Galo", "Um Empréstimo", "Um Homem Célebre", "Cantiga de Esponsais", "Um Apólogo", "A Segunda Vida", "Uns Braços", "Uma Senhora" e "D. Paula". E dentre todos, sob o ponto de vista de gosto pessoal, estes dois: "Noite de Almirante" e "Anedota do *Cabriolet*".

As histórias mais divulgadas, mais populares do contista de *Relíquias de Casa Velha*, parece que são "Missa do Galo", "Teoria do Medalhão", "A Cartomante", "Um Apólogo", "Caso da Vara", e "Entre Santos". Há muitos anos que as revistas ilustradas, os almanaques, as antologias, os jornais do interior as divulgam numerosamente, sobressaindo, entre elas, "Um Apólogo", obra-prima de estilo, naturalidade e experiência amarga, e "Teoria do Medalhão", que nenhum leitor de contos desconhece no Brasil.

Bem sei que qualquer julgamento sobre tal assunto é aleatório, mas o critério da popularidade mostra que o escritor soube fixar um momento definitivo de emoção ou espírito. A escolha torna-se difícil por muitos motivos, até mesmo pela sugestão do nome de Machado de Assis. Seu nome valoriza o que assina. Sua assinatura é sugestiva. Sem ela, poder-se-ia, em uma ou outra história, repetir o caso verificado com Leão Tolstoi. Um dia, perguntando ele ao diretor de uma revista de Moscou sobre o destino de certo conto bíblico que lhe havia enviado um ano antes, respondeu-lhe o diretor que não recebera nada com a assinatura dele. Tolstoi esquecera-se de firmar o conto. O escritor deu o título. Procuraram-no. Foram encontrá-lo entre os manuscritos recusados, com a nota da redação: "Má imitação de Tolstoi. Não publicar".

Algumas histórias de Machado, em idênticas circunstâncias, não escapariam a tal fim. São imitações más de seus melhores contos. Talvez por isso é que firmou alguns deles com o disfarce de pseudônimos; ao serem dados ao jornal. Podemos até, obedecendo ao critério da perfeição, quanto aos contos enfeixados em volume, dividir a evolução literária do escritor em duas fases: compreende a primeira as duas obras iniciais — *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia-Noite*, em que a feição romântica predomina, como também o feito novelesco; a segunda fase principia com os *Papéis Avulsos* e caracteriza-se cada vez mais pela técnica consumada do gênero.

Em sua obra numerosa de *conteur*, as três coletâneas mais unas e bem acabadas são *Várias Histórias*, *Papéis Avulsos* e *Histórias Sem Data*, que encerram, no conceito geral, os contos mais perfeitos escritos por ele.

Temos defendido Machado de Assis da coima de ter sido, como artista, indiferente às questões políticas e sociais que se agitaram no Brasil. Não foi tanto assim. Em seus contos, vemos o problema da escravidão tratado por maneira comovente em "O Caso da Vara", e "Pai Contra Mãe", nos quais o bárbaro dos costumes aparece, ao vivo. Há, aqui, também a sátira política em "Sereníssima República", "O Caso do Bonzo" e "Papéis Velhos". Quanto ao primeiro, o autor

explica, em nota no final do volume (*Papéis Avulsos*), que se trata de sentido restrito: “este escrito, publicado primeiro na *Gazeta de Notícias*, como outros do livro, é o único em que há um sentido restrito: — as nossas alternativas eleitorais. Creio que terão entendido isso mesmo, através da forma alegórica”.

Afirma aí o prosador que esta página é única, como sátira a fatos políticos. Não gostava de satirizar por meio da arte, e disso se absteve. Ainda bem moço, declamou, em cena aberta, num teatro do Rio, certo poema que compôs. Parece que havia apóstrofes veementes. Atribuíram-lhe segundas intenções pessoais. Machado apressou-se em dar explicações, em defender-se. Em suas produções, não se vêem páginas à clé. Mas em *Papéis Avulsos*, há uma exceção: é o conto — “O Anel de Polícrates”. Traça ele, neste escrito, o perfil de Artur de Oliveira, amigo que prezava e admirava pela imaginação criadora, pela *verve* borbulhante e pela alegria original. Isto mesmo indica em apêndice, transcrevendo uma crônica e um poema que escreveu sobre o malgrado artista, levado pela tuberculose.

Além desse trecho, não conhecemos outro em que se possa entre-mostrar sátira ou alusão a pessoas vivas, fossem da grei literária, fossem do mundo político. Era avesso ao gênero por índole e educação. Machado de Assis não se imiscuiu, nem pela ação, nem pela pena, senão de modo accidental, na luta ordinária entre os homens de seu tempo. Viveu no seu canto e foi solitário na sociedade de que fazia parte. De certa maneira, isso lhe teria sido por uma parte benéfico e, por outro, prejudicial, quanto à notoriedade, pela razão que anota Voltaire: “— *un écrivain qui pendant sa vie ne se point protège par son prince; qui ne sera dans aucun parti; qui se ne fera valoir par aucune cabale, n'aura probablement de réputation qu'après sa mort*”. Foi o que aconteceu a Machado de Assis por muitos motivos e não sei se também pelo que aponta o ironista de *Candide*.

O que é indubitável é que a luta, a polêmica, a sátira, a violência, enfim, pela forma translata da palavra e da ficção, lhe repugnava ao temperamento recolhido e retrátil. Assim que, nos contos, a força, a brutalidade só aparece, sem dramaticidade desenvolvida, na “A Cartomante” e no “O Enfermeiro”. Nem em seus diálogos, que são numerosos, há temperamento. São diálogos familiares, persuasivos, cordatos.

Tanto pelo assunto como pelo modo de conduzi-lo, o autor de *Quincas Borba* era no geral plausível, sem embargo da originalidade e dos paradoxos. Há, porém, uma história contada por ele, intitulada “Singular Ocorrência”, que aparece absurda pelo tema. Tenho motivo para achá-la natural, por conhecer fato idêntico, acontecido com um político mineiro, cujo nome não me é dado revelar. A mulher que aí desenha o escritor não é inverossímil; como as outras, traz também dentro de si, para empregar a comparação viva de Augusto Meyer, uma Eva primitiva.

Machado de Assis, como contista, não foge da representação direta da vida; é natural sem afetação. Tem a palavra muito simples, mesmo quando não parece. Em *Papéis Avulsos*, empregou o termo

reproche, que pareceu francesia a um leitor inteligente. Defendeu-se o autor em nota ao fim do volume, em que teve ocasião de mostrar o critério, o senso da palavra própria, que o singulariza. Abona a vernaculidade de *reproche* e *reprochar* com a lição de Fernando de Lucena, Nunes de Leão e D. Francisco Manuel de Melo. Diz que os espanhóis também a usam.

Quanto à questão de eufonia, *reproche* não lhe parece mal soante. Exemplifica por que o empregou: "o vocábulo que lhe está mais próximo no sentido, *exprobração*, acho que é insuportável. Daí a minha insistência em preferir o outro, devendo notar-se que não o vou buscar para dar ao estilo um verniz de estranheza, mas quando a idéia o traz consigo". No mesmo ponto da correção de linguagem foi Machado, no início, acusado de não saber ortografia.² E parece que havia razão para isso: — ortografava arbitrariamente, em princípio.

Por muita gente abonada em assunto de vernaculismo, é o escritor com justiça havido como purista. Salva-o sempre o bom gosto. Entre a tendência a escrever como os clássicos e o pendor para a linguagem corrente e familiar, adota o meio-termo, guiado pela naturalidade e inteligência do vocábulo específico. A nota mais viva de seu estilo vem a ser a oralidade.

Propriamente, não há diferença entre a linguagem escrita e a falada. As duas maneiras de exprimir o pensamento e a emoção humana são uma só. Destarte, deve escrever-se como se fala. Mas, como se fala descuidadamente, justo é que isto se corrija ao escrever, sem que a escrita deixe nunca de refletir o tom de conversa, que é a naturalidade. Assim escreve Machado de Assis, e aí está a graça de sua palavra.

Os contos são as suas páginas mais naturais e um documento inequívoco de seu estilo original, apesar de apreciável número ter sido escrito à pressa. E neles nota-se um fato que, ao meu ver, não se verifica na obra diversa de Machado de Assis: — os contos não são autobiográficos. Neles não sentimos os recalques do autor de modo aparente ou direto. Fora o "Conto de Escola", não há, nos demais, passagens ou trechos pelos quais se possa recompor o homem, ao contrário do que acontece no romance, na crônica, na poesia e mesmo na crítica.

A história é a sua obra menos pessoal, do ponto de vista autobiográfico. É a menos amarga, por isso.

COMPONENTES DO CONTO:

- **Enredo**
- **Personagens**
- **Tempo**
- **Espaço/ambiente**
- **Narrador**

CARACTERÍSTICAS DO CONTO, SEGUNDO MASSAUD MOISÉS:

- **Brevidade**
- **Unidade dramática**
- **Unidade de lugar (espaço)**
- **Poucos personagens**
- **Concisão da linguagem**

Consultar sobre conto literário

- **MARIA, Luiza de. O que é Conto. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.**
- **GOTLIB, Nádía Batella. Teoria do Conto. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.**
- **LIMA, Herman. Conto. In: COUTINHO, Afrânio; Sousa, J. GALANTE de (org.) Enciclopédia de Literatura Brasileira. 2 ed. São Paulo. Global, 2001. P. 515-521.**

Consultar sobre Machado de Assis

- **SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas. 5 ed. São Paulo: Duas Cidades 2003.**
- **GLEDSON, John. Machado de Assis: ficção e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.**
- **GLEDSON, John. Machado de Assis: impostura e realismo. São Paulo: Cia das Letras, 1991. (ed. original 1984).**
- **CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis: Historiador. São Paulo: Cia das Letras, 2003.**
- **FAORO, Raimundo. Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1974.**
- **SCHWARZ, Roberto. Um Mestre na Periferia do Capitalismo. São Paulo: Duas Cidades, 1990.**

OS LIVROS DE CONTOS DE MACHADO DE ASSIS:

- **Contos Fluminenses (1869)**
- **Histórias da Meia Noite (1873)**
- **Papéis Avulsos (1882)**
- **Histórias sem Data (1884)**
- **Várias Histórias (1896)**
- **Páginas Recolhidas (1899)**
- **Relíquias de Casa Velha (1906)**

ASPECTOS DO SÉCULO 19 PRESENTES NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS:

- **Vestuário;**
- **Meios de transporte;**
- **Profissões/ocupações;**
- **Formas de tratamento;**
- **Formas de lazer;**
- **Escravidão;**
- **Práticas religiosas;**
- **Organização familiar;**
- **Eventos políticos;**
- **Atividades econômicas.**

FJA-11-2004

Etapas do uso do Conto no Ensino de História

- 1ª. Escolha do conto.**
- 2ª. Leituras cuidadosas do conto.**
- 3ª. Busca de subsídios em obras de referência e historiográficas.**
- 4ª. Elaboração de questionário.**
- 5ª. Aplicação do questionário e discussão dos resultados.**
- 6ª. Síntese dos resultados.**

Prof. Dr. Francisco José Alves
10/11/2004.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Histórias sem data*. São Paulo: Globo, 1997. Primeira edição de 1884.

SINGULAR OCORRÊNCIA

ACERVO
Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe

– HÁ OCORRÊNCIAS bem singulares. Está vendo aquela dama que vai entrando na igreja da Cruz? Parou agora no adro para dar uma esmola.

– De preto?

– Justamente; lá vai entrando; entrou.

– Não ponha mais na carta. Esse olhar está dizendo que a dama é uma sua recordação de outro tempo, e não há de ser de muito tempo, a julgar pelo corpo: é moça de truz.

– Deve ter quarenta e seis anos.

– Ah! conservada. Vamos lá; deixe de olhar para o chão, e conte-me tudo. Está viúva, naturalmente?

– Não.

– Bem; o marido ainda vive. É velho?

– Não é casada.

– Solteira?

– Assim, assim. Deve chamar-se hoje D. Maria de tal.

Em 1860 florescia com o nome familiar de Maroças. Não era costureira, nem proprietária, nem mestra de meninas; vá excluindo as profissões e lá chegará. Morava na Rua do Sacramento. Já então era esbelta e, seguramente, mais linda do que hoje; modos sérios, linguagem limpa. Na rua, com o vestido afogado, escorrido, sem espavento, arrastava a muitos, ainda assim.

– Por exemplo, ao senhor.

– Não, mas ao Andrade, um amigo meu, de vinte e seis anos, meio advogado, meio político, nascido nas Alagoas, e casado na Bahia, donde viera em 1859. Era bonita a mulher dele, afetuosa, meiga e resignada; quando os conheci, tinham uma filhinha de dois anos.

MACHADO DE ASSIS

– Apesar disso, a Marocas...?

– É verdade, dominou-o. Olhe, se não tem pressa, conto-lhe uma coisa interessante.

– Diga.

– A primeira vez que ele a encontrou, foi à porta da loja Paula Brito, no Rocio. Estava ali, viu a distância uma mulher bonita, e esperou, já alvoroçado, porque ele tinha em alto grau a paixão das mulheres. Marocas vinha andando, parando e olhando como quem procura alguma casa. Defronte da loja deteve-se um instante; depois, envergonhada e a medo, estendeu um pedacinho de papel ao Andrade, e perguntou-lhe onde ficava o número ali escrito. Andrade disse-lhe que do outro lado do Rocio, e ensinou-lhe a altura provável da casa. Ela cortejou com muita graça; ele ficou sem saber o que pensasse da pergunta.

– Como eu estou.

– Nada mais simples: Marocas não sabia ler. Ele não chegou a suspeitá-lo. Viu-a atravessar o Rocio, que ainda não tinha estátua nem jardim, e ir à casa que buscava, ainda assim perguntando em outras. De noite foi ao Ginásio; dava-se a *Dama das Camélias*; Marocas estava lá, e, no último ato, chorou como uma criança. Não lhe digo nada; no fim de quinze dias amavam-se loucamente. Marocas despediu todos os seus namorados, e creio que não perdeu pouco; tinha alguns capitalistas bem bons. Ficou só, sozinha, vivendo para o Andrade, não querendo outra afeição, não cogitando de nenhum outro interesse.

– Como a *Dama das Camélias*.

– Justo. Andrade ensinou-lhe a ler. Estou mestre-escola, disse-me ele um dia; e foi então que me contou a anedota do Rocio. Marocas aprendeu depressa. Compreende-se; o vexame de não saber, o desejo de conhecer os romances em que ele lhe falava, e finalmente o gosto de obedecer a um desejo dele, de lhe ser agradável... Não me encobriu nada; contou-me tudo com um riso de gratidão nos olhos, que o senhor não imagina. Eu tinha a confiança de ambos. Jantávamos às vezes os três juntos; e... não sei por que negá-lo, – algumas vezes os quatro. Não cuide

que eram jantares de gente pândega; alegres, mas honestos. Marocas gostava da linguagem afogada, como os vestidos. Pouco a pouco estabeleceu-se intimidade entre nós; ela interrogava-me acerca da vida do Andrade, da mulher, da filha, dos hábitos dele, se gostava deveras dela, ou se era um capricho, se tivera outros, se era capaz de esquecer, uma chuva de perguntas, e um receio de o perder, que mostravam a força e a sinceridade da afeição... Um dia, uma festa de S. João, o Andrade acompanhou a família à Gávea, onde ia assistir a um jantar e um baile; dous dias de ausência. Eu fui com eles. Marocas, ao despedir-se, recordou a comédia que ouvira algumas semanas antes no Ginásio – *Janto com minha mãe* – e disse-me que, não tendo família para passar a festa de S. João, ia fazer como a Sofia Arnoult da comédia, ia jantar com um retrato; mas não seria o da mãe, porque não tinha, e sim do Andrade. Este dito ia-lhe rendendo um beijo; o Andrade chegou a inclinar-se; ela, porém, vendo que eu estava ali, afastou-o delicadamente com a mão.

– Gosto desse gesto.

– Ele não gostou menos. Pegou-lhe na cabeça com ambas as mãos, e, paternalmente, pingou-lhe o beijo na testa. Seguimos para a Gávea. De caminho disse-me a respeito da Marocas as maiores finezas, contou-me as últimas frioleiras de ambos, falou-me do projeto que tinha de comprar-lhe uma casa em algum arrabalde, logo que pudesse dispor de dinheiro; e, de passagem, elogiou a modéstia da moça, que não queria receber dele mais do que o estritamente necessário. Há mais do que isso, disse-lhe eu, e contei-lhe uma cousa que sabia, isto é, que cerca de três semanas antes a Marocas empenhara algumas jóias para pagar uma conta da costureira. Esta notícia abalou-o muito; não juro, mas creio que ficou com os olhos molhados. Em todo caso, depois de cogitar algum tempo, disse-me que definitivamente ia arranjar-lhe uma casa e pô-la ao abrigo da miséria. Na Gávea ainda falamos da Marocas, até que as festas acabaram, e nós voltamos. O Andrade deixou a família em casa, na Lapa, e foi ao escritório aviar alguns papéis urgentes.

Pouco depois do meio-dia apareceu-lhe um tal Leandro, ex-agente de certo advogado a pedir-lhe, como de costume, dois ou três mil-réis. Era um sujeito reles e vadio. Vivia a explorar os amigos do antigo patrão. Andrade deu-lhe três mil-réis, e, como o visse excepcionalmente risonho, perguntou-lhe se tinha visto passarinho verde. O Leandro piscou os olhos e lambeu os beiços: o Andrade, que dava o cavaco por anedotas eróticas, perguntou-lhe se eram amores. Ele mastigou um pouco, e confessou que sim.

– Olhe; lá vem ela saindo; não é ela?

– Ela mesma; afastemo-nos da esquina.

– Realmente, deve ter sido muito bonita. Tem um ar de duquesa.

– Não olhou para cá; não olha nunca para os lados. Vai subir pela Rua do Ouvidor...

– Sim, senhor. Compreendo o Andrade.

– Vamos ao caso. O Leandro confessou que tivera na véspera uma fortuna rara, ou antes única, uma coisa que ele nunca esperara achar, nem merecia mesmo, porque se conhecia e não passava de um pobre-diabo. Mas, enfim, os pobres também são filhos de Deus. Foi o caso que, na véspera, perto das dez horas da noite, encontrara no Rocio uma dama vestida com simplicidade, vistosa de corpo, e muito embrulhada num xale grande. A dama vinha atrás dele, e mais depressa; ao passar rentezinha com ele, fitou-lhe muito os olhos, e foi andando devagar, como quem espera. O pobre-diabo imaginou que era engano de pessoa; confessou ao Andrade que, apesar da roupa simples, viu logo que não era coisa para os seus beiços. Foi andando; a mulher, parada, fitou-o outra vez, mas com tal instância, que ele chegou atrever-se um pouco; ela atreveu-se o resto... Ah! um anjo! E que casa, que sala rica! Coisa papa-fina. E depois o desinteresse... “Olhe, acrescentou ele, para V. Sa. é que era um bom arranjo.” Andrade abanou a cabeça; não lhe cheirava o comborço. Mas o Leandro teimou; era na Rua do Sacramento, número tantos...

– Não me diga isso!

– Imagine como não ficou o Andrade. Ele mesmo não soube o que fez nem o que disse durante os primeiros minutos, nem o que pensou nem o que sentiu. Afinal teve força para perguntar se era verdade o que estava contando; mas o outro advertiu que não tinha nenhuma necessidade de inventar semelhante cousa; vendo, porém, o alvoroço do Andrade, pediu-lhe segredo, dizendo que ele, pela sua parte, era discreto. Parece que ia sair; Andrade deteve-o, e propôs-lhe um negócio; propôs-lhe ganhar vinte mil-réis. – “Pronto!” – “Dou-lhe vinte mil-réis, se você for comigo à casa dessa moça e disser em presença dela que é ela mesma.”

– Oh!

– Não defendo o Andrade; a cousa não era bonita; mas a paixão, nesse caso, cega os melhores homens. Andrade era digno, generoso, sincero; mas o golpe fora tão profundo, e ele amava-a tanto, que não recuou diante de uma tal vingança.

– O outro aceitou?

– Hesitou um pouco, estou que por medo, não por dignidade, mas vinte mil-réis... Pôs uma condição: não metê-lo em barulhos... Marocas estava na sala, quando o Andrade entrou. Caminhou para a porta, na intenção de o abraçar; mas o Andrade advertiu-a, com o gesto, que trazia alguém. Depois, fitando-a muito, fez entrar o Leandro; Marocas empalideceu. – “É esta senhora?” perguntou ele. – “Sim, senhor”, murmurou o Leandro com voz sumida, porque há ações ainda mais ignóbeis do que o próprio homem que as comete. Andrade abriu a carteira com grande afetação, tirou uma nota de vinte mil-réis e deu-lha; e, com a mesma afetação, ordenou-lhe que se retirasse. O Leandro saiu. A cena que se seguiu foi breve, mas dramática. Não a soube inteiramente, porque o próprio Andrade é que me contou tudo, e, naturalmente, estava tão atordoado, que muita cousa lhe escapou. Ela não confessou nada; mas estava fora de si, e, quando ele, depois de lhe dizer as cousas mais duras do mundo, atirou-se para a porta, ela rojou-se-lhe aos pés, agarrou-lhe as mãos, lacrimosa, desesperada, ameaçando matar-se; e

ficou atirada ao chão, no patamar da escada; ele desceu vertiginosamente e saiu.

– Na verdade, um sujeito reles, apanhado na rua; provavelmente eram hábitos dela?

– Não.

– Não?

– Ouça o resto. De noite seriam oito horas, o Andrade veio à minha casa, e esperou por mim. Já me tinha procurado três vezes. Fiquei estupefato; mas como duvidar, se ele tivera a precaução de levar a prova até à evidência? Não lhe conto o que ouvi, os planos de vingança, as exclamações, os nomes que lhe chamou, todo o estilo e todo o repertório dessas crises. Meu conselho foi que a deixasse; que, afinal, vivesse para a mulher e a filha, a mulher tão boa, tão meiga... Ele concordava, mas tornava ao furor. Do furor passou à dúvida; chegou a imaginar que a Marocas, com o fim de o experimentar, inventara o artifício e pagara ao Leandro para vir dizer-lhe aquilo; e a prova é que o Leandro, não querendo ele saber quem era, teimou e lhe disse a casa e o número. E agarrado a esta inverossimilhança, tentava fugir à realidade; mas a realidade vinha, – a palidez de Marocas, a alegria sincera do Leandro, tudo o que lhe dizia que a aventura era certa. Creio até que ele arrependia-se de ter ido tão longe. Quanto a mim, cogitava na aventura, sem atinar com a explicação. Tão modesta! maneiras tão acanhadas!

– Há uma frase de teatro que pode explicar a aventura, uma frase de Augier, creio eu: “a nostalgia da lama”.

– Acho que não; mas vá ouvindo. Às dez horas apareceu-nos em casa uma criada de Marocas, uma preta forra, muito amiga da ama. Andava aflita em procura do Andrade, porque a Marocas, depois de chorar muito, trancada no quarto, saiu de casa sem jantar, e não voltara mais. Contive o Andrade, cujo primeiro gesto foi para sair logo. A preta pedia-nos por tudo, que fôssemos descobrir a ama. “Não é costume dela sair?” perguntou o Andrade com sarcasmo. Mas a preta disse que não era

costume. “Está ouvindo?” bradou ele para mim. Era a esperança que de novo empolgara o coração do pobre-diabo. “E ontem?... ” disse eu. A preta respondeu que na véspera sim; mas não lhe perguntei mais nada, tive compaixão do Andrade, cuja aflição crescia, e cujo pundonor ia cedendo diante do perigo. Saímos em busca da Marocas; fomos a todas as casas em que era possível encontrá-la; fomos à polícia; mas a noite passou-se sem outro resultado. De manhã voltamos à polícia. O chefe ou um dos delegados, não me lembra, era amigo do Andrade, que lhe contou da aventura a parte conveniente; aliás a ligação do Andrade e da Marocas era conhecida de todos os seus amigos. Pesquisou-se tudo; nenhum desastre se dera durante a noite; as barcas da Praia Grande não viram cair ao mar nenhum passageiro; as casas de armas não venderam nenhuma; as boticas nenhum veneno. A polícia pôs em campo todos os seus recursos, e nada. Não lhe digo o estado de aflição em que o pobre Andrade viveu durante essas longas horas, porque todo o dia se passou em pesquisas inúteis. Não era só a dor de a perder; era também o remorso, a dúvida, ao menos, da consciência, em presença de um possível desastre, que parecia justificar a moça. Ele perguntava-me, a cada passo, se não era natural fazer o que fez, no delírio da indignação, se eu não faria a mesma coisa. Mas depois tornava a afirmar a aventura, e provava-me que era verdadeira, com o mesmo ardor com que na véspera tentara provar que era falsa; o que ele queria era acomodar a realidade ao sentimento da ocasião.

– Mas, enfim, descobriram a Marocas?

– Estávamos comendo alguma coisa, em um hotel, eram perto de oito horas, quando recebemos notícia de um vestígio: – um cocheiro que levava na véspera uma senhora para o Jardim Botânico, onde ela entrou em uma hospedaria, e ficou. Nem acabamos o jantar; fomos no mesmo carro ao Jardim Botânico. O dono da hospedaria confirmou a versão; acrescentando que a pessoa se recolhera a um quarto, não comera nada desde que chegou na véspera; apenas pediu uma xícara de café; parecia

profundamente abatida. Encaminhamo-nos para o quarto; o dono da hospedaria bateu à porta; ela respondeu com voz fraca, e abriu. O Andrade nem me deu tempo de preparar nada; empurrou-me, e caíram nos braços um do outro. Marocas chorou muito e perdeu os sentidos.

– Tudo se explicou?

– Causa nenhuma. Nenhum deles tornou ao assunto; livres de um naufrágio, não quiseram saber nada da tempestade que os meteu a pique. A reconciliação fez-se depressa. O Andrade comprou-lhe, meses depois, uma casinha em Catumbi; a Marocas deu-lhe um filho, que morreu de dois anos. Quando ele seguiu para o Norte, em comissão do governo, a afeição era ainda a mesma, posto que os primeiros ardores não tivessem já a mesma intensidade. Não obstante, ela quis ir também; fui eu que a obriguei a ficar. O Andrade contava tornar ao fim de pouco tempo, mas, como lhe disse, morreu na província. A Marocas sentiu profundamente a morte, pôs luto, e considerou-se viúva; sei que nos três primeiros anos, ouvia sempre uma missa no dia aniversário. Há dez anos perdi-a de vista. Que lhe parece tudo isto?

– Realmente, há ocorrências bem singulares, se o senhor não abusou da minha ingenuidade de rapaz para imaginar um romance...

– Não inventei nada; é a realidade pura.

– Pois, senhor, é curioso. No meio de uma paixão tão ardente, tão sincera... Eu ainda estou na minha; acho que foi a nostalgia da lama.

– Não: nunca a Marocas desceu até os Leandros.

– Então por que desceria naquela noite? \

– Era um homem que ela supunha separado, por um abismo, de todas as suas relações pessoais; daí a confiança. Mas o acaso, que é um deus e um diabo ao mesmo tempo... Enfim, cousas!

pAssis, Joaquim Maria Machado de (1835-1908) Singular Ocorrência. In: *Histórias sem data*. São Paulo: Globo, 1997. p. 46-54. (ed. original de 1884).

GUIA DE LEITURA

- (1) No plano da *linguagem* que palavras indiciam a época do conto?
- (2) Que *diversões* de época são mencionadas no conto?
- (3) Que elemento do *vestuário* feminino (usado no século 19) é referenciado no texto?
- (4) Sobre o *destino dos libertos* o que o conto nos revela?
- (5) Por que uso do termo “*botica*” e “*boticário*” é um indicio da época?
- (6) Que *costume funerário* o conto documenta?
- (7) Que passagens do texto mostram a importância do *teatro* à época?
- (8) Cite duas atitudes femininas típicas da época mencionadas no conto?
- (9) No tocante às amantes de homens casados o que o conto nos revela?
- (10) Que *moeda* de época é mencionado no conto?

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Várias histórias*. São Paulo: Globo, 1997. Primeira edição de 1896.

UM HOMEM CÉLEBRE

ACERVO
Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe

– AH! O SENHOR é que é o Pestana? perguntou Sinhazinha Mota, fazendo um largo gesto admirativo. E logo depois, corrigindo a familiaridade: – Desculpe meu modo, mas... é mesmo o senhor?

Vexado, aborrecido, Pestana respondeu que sim, que era ele. Vinha do piano, enxugando a testa com o lenço, e ia a chegar à janela, quando a moça o fez parar. Não era baile; apenas um sarau íntimo, pouca gente, vinte pessoas ao todo, que tinham ido jantar com a viúva Camargo, Rua do Areal, naquele dia dos anos dela, cinco de novembro de 1875... Boa e patusca viúva! Amava o riso e a folga, apesar dos sessenta anos em que entrava, e foi a última vez que folgou e riu, pois faleceu nos primeiros dias de 1876. Boa e patusca viúva! Com que alma e diligência arranjou ali umas danças, logo depois do jantar, pedindo ao Pestana que tocasse uma quadrilha! Nem foi preciso acabar o pedido; Pestana curvou-se gentilmente, e correu ao piano. Finda a quadrilha, mal teriam descansado uns dez minutos, a viúva correu novamente ao Pestana para um obséquio mui particular.

– Diga, minha senhora.

– É que nos toque agora aquela sua polca *Não Bula Comigo, Nhonhô*.

Pestana fez uma careta, mas dissimulou depressa, inclinou-se calado, sem gentileza, e foi para o piano, sem entusiasmo. Ouvidos os primeiros compassos, derramou-se pela sala uma alegria nova, os cavalheiros correram às damas, e os pares entraram a saracotear a polca da moda. Da moda; tinha sido publicada vinte dias antes,

e já não havia recanto da cidade em que não fosse conhecida. Ia chegando à consagração do assobio e da cantaro-la noturna.

Sinhazinha Mota estava longe de supor que aquele Pestana que ela vira à mesa de jantar e depois ao piano, metido numa sobrecasaca cor de rapé, cabelo negro, longo e cacheado, olhos cuidadosos, queixo rapado, era o mesmo Pestana compositor; foi uma amiga que lho disse quando o viu vir do piano, acabada a polca. Daí a pergunta admirativa. Vimos que ele respondeu aborrecido e vexado. Nem assim as duas moças lhe pouparam finezas, tais e tantas, que a mais modesta vaidade se contentaria de as ouvir; ele recebeu-as cada vez mais enfadado, até que, alegando dor de cabeça, pediu licença para sair. Nem elas, nem a dona da casa, ninguém logrou retê-lo. Ofereceram-lhe remédios caseiros, algum repouso, não aceitou nada, teimou em sair e saiu.

Rua fora, caminhou depressa, com medo de que ainda o chamassem; só afrouxou, depois que dobrou a esquina da Rua Formosa. Mas aí mesmo esperava-o a sua grande polca festiva. De uma casa modesta, à direita, a poucos metros de distância, saíam as notas da composição do dia, sopradas em clarineta. Dançava-se. Pestana parou alguns instantes, pensou em arrepiar caminho, mas dispôs-se a andar, estugou o passo, atravessou a rua, e seguiu pelo lado oposto ao da casa do baile. As notas foram-se perdendo, ao longe, e o nosso homem entrou na Rua do Aterrado, onde morava. Já perto de casa viu vir dois homens: um deles, passando rentezinho com o Pestana, começou a assobiar a mesma polca, rijamente, com brio, e o outro pegou a tempo na música, e aí foram os dois abaixo, ruidosos e alegres, enquanto o autor da peça, desesperado, corria a meter-se em casa.

Em casa, respirou. Casa velha, escada velha, um preto velho que o servia, e que veio saber se ele queria cear.

– Não quero nada, bradou o Pestana; faça-me café e vá dormir.

Despiu-se, enfiou uma camisola, e foi para a sala dos fundos. Quando o preto acendeu o gás da sala, Pestana

sorriu e, dentro d'alma, cumprimentou uns dez retratos que pendiam da parede. Um só era a óleo, o de um padre, que o educara, que lhe ensinara latim e música, e que, segundo os ociosos, era o próprio pai do Pestana. Certo é que lhe deixou em herança aquela casa velha, e os velhos trastes, ainda do tempo de Pedro I. Compusera alguns motetes o padre, era doudo por música, sacra ou profana, cujo gosto incutiu no moço, ou também lhe transmitiu no sangue, se é que tinham razão as bocas vadias, cousa de que se não ocupa a minha história, como ides ver.

Os demais retratos eram de compositores clássicos, Cimarosa, Mozart, Beethoven, Gluck, Bach, Schumann, e ainda uns três, alguns gravados, outros litografados, todos mal encaixilhados e de diferente tamanho, mas postos ali como santos de uma igreja. O piano era o altar; o evangelho da noite lá estava aberto: era uma sonata de Beethoven.

Veio o café; Pestana engoliu a primeira xícara, e sentou-se ao piano. Olhou para o retrato de Beethoven, e começou a executar a sonata, sem saber de si, desvairado ou absorto, mas com grande perfeição. Repetiu a peça; depois parou alguns instantes, levantou-se e foi a uma das janelas. Tornou ao piano; era a vez de Mozart, pegou de um trecho, e executou-o do mesmo modo, com a alma alhures. Haydn levou-o à meia-noite e à segunda xícara de café.

Entre meia-noite e uma hora, Pestana pouco mais fez que estar à janela e olhar para as estrelas, entrar e olhar para os retratos. De quando em quando ia ao piano, e, de pé, dava uns golpes soltos no teclado, como se procurasse algum pensamento; mas o pensamento não aparecia e ele voltava a encostar-se à janela. As estrelas pareciam-lhe outras tantas notas musicais fixadas no céu à espera de alguém que as fosse descolar; tempo viria em que o céu tinha de ficar vazio, mas então a terra seria uma constelação de partituras. Nenhuma imagem, desvario ou reflexão trazia uma lembrança qualquer de Sinhazinha Mota, que entretanto, a essa mesma hora, adormecia, pensando nele, famoso autor de tantas polcas

amadas. Talvez a idéia conjugal tirou à moça alguns momentos de sono. Que tinha? Ela ia em vinte anos, ele em trinta, boa conta. A moça dormia ao som da polca, ouvida de cor, enquanto o autor desta não cuidava nem da polca nem da moça, mas das velhas obras clássicas, interrogando o céu e a noite, rogando aos anjos, em último caso ao diabo. Por que não faria ele uma só que fosse daquelas páginas imortais?

Às vezes, como que ia surgir das profundezas do inconsciente uma aurora de idéia; ele corria ao piano, para aventá-la inteira, traduzi-la, em sons, mas era em vão; a idéia esvaía-se. Outras vezes, sentado, ao piano, deixava os dedos correrem, à ventura, a ver se as fantasias brotavam deles, como dos de Mozart; mas nada, nada, a inspiração não vinha, a imaginação deixava-se estar dormindo. Se acaso uma idéia aparecia, definida e bela, era eco apenas de alguma peça alheia, que a memória repetia, e que ele supunha inventar. Então, irritado, erguia-se, jurava abandonar a arte, ir plantar café ou puxar carroça; mas daí a dez minutos, ei-lo outra vez, com os olhos em Mozart, a imitá-lo ao piano.

Duas, três, quatro horas. Depois das quatro foi dormir; estava cansado, desanimado, morto; tinha que dar lições no dia seguinte. Pouco dormiu; acordou às sete horas. Vestiu-se e almoçou.

– Meu senhor quer a bengala ou o chapéu-de-sol? perguntou o preto, segundo as ordens que tinha, porque as distrações do senhor eram freqüentes.

– A bengala.

– Mas parece que hoje chove.

– Chove, repetiu Pestana maquinalmente.

– Parece que sim, senhor, o céu está meio escuro.

Pestana olhava para o preto, vago, preocupado. De repente:

– Espera aí.

Correu à sala dos retratos, abriu o piano, sentou-se e espalmou as mãos no teclado. Começou a tocar alguma coisa própria, uma inspiração real e pronta, uma polca, uma polca buliçosa, como dizem os anúncios. Nenhuma

repulsa da parte do compositor; os dedos iam arrancando as notas, ligando-as, meneando-as; dir-se-ia que a musa compunha e bailava a um tempo. Pestana esquecera as discípulas, esquecera o preto, que o esperava com a bengala e o guarda-chuva, esquecera até os retratos que pendiam gravemente da parede. Compunha só, teclando ou escrevendo, sem os vãos esforços da véspera, sem exasperação, sem nada pedir ao céu, sem interrogar os olhos de Mozart. Nenhum tédio. Vida, graça, novidade, escorriam-lhe da alma como de uma fonte perene.

Em pouco tempo estava a polca feita. Corrigiu ainda alguns pontos, quando voltou para jantar: mas já a cantarolava, andando, na rua. Gostou dela; na composição recente e inédita circulava o sangue da paternidade e da vocação. Dois dias depois, foi levá-la ao editor das outras polcas suas, que andariam já por umas trinta. O editor achou-a linda.

– Vai fazer grande efeito.

Veio a questão do título. Pestana, quando compôs a primeira polca, em 1871, quis dar-lhe um título poético, escolheu este: *Pingos de Sol*. O editor abanou a cabeça, e disse-lhe que os títulos deviam ser, já de si, destinados à popularidade, ou por alusão a algum sucesso do dia, – ou pela graça das palavras; indicou-lhe dois: *A Lei de 28 de Setembro*, ou *Candongas Não Fazem Festa*.

– Mas que quer dizer *Candongas Não Fazem Festa*? perguntou o autor.

– Não quer dizer nada, mas populariza-se logo.

Pestana, ainda donzel inédito, recusou qualquer das denominações e guardou a polca; mas não tardou que compusesse outra, e a comichão da publicidade levou-o a imprimir as duas, com os títulos que ao editor parecessem mais atraentes ou apropriados. Assim se regulou pelo tempo adiante.

Agora, quando Pestana entregou a nova polca, e passaram ao título, o editor acudiu que trazia um, desde muitos dias, para a primeira obra que ele lhe apresentasse, título de espanto, longo e meneado. Era este: *Senhora Dona, Guarde o Seu Balaio*.

– E para a vez seguinte, acrescentou, já trago outro de cor.

Exposta à venda, esgotou-se logo a primeira edição. A fama do compositor bastava à procura; mas a obra em si mesma era adequada ao gênero, original, convidava a dançá-la e decorava-se depressa. Em oito dias, estava célebre. Pestana, durante os primeiros, andou deveras namorado da composição, gostava de a cantarolar baixinho, detinha-se na rua, para ouvi-la tocar em alguma casa, e zangava-se quando não a tocavam bem. Desde logo, as orquestras de teatro a executaram, e ele lá foi a um deles. Não desgostou também de a ouvir assobiada, uma noite, por um vulto que descia a Rua do Aterrado.

Essa lua-de-mel durou apenas um quarto de lua. Como das outras vezes, e mais depressa ainda, os velhos mestres retratados o fizeram sangrar de remorsos. Vexado e enfastiado, Pestana arremeteu contra aquela que o viera consolar tantas vezes, musa de olhos marotos e gestos arredondados, fácil e graciosa. E aí voltaram as náuseas de si mesmo, o ódio a quem lhe pedia a nova polca da moda, e juntamente o esforço de compor alguma cousa ao sabor clássico, uma página que fosse, uma só, mas tal que pudesse ser encadernada entre Bach e Schumann. Vão estudo, inútil esforço. Mergulhava naquele Jordão sem sair batizado. Noites e noites, gastou-as assim, confiado e teimoso, certo de que a vontade era tudo, e que, uma vez que abrisse mão da música fácil...

– As polcas que vão para o inferno fazer dançar o diabo, disse ele um dia, de madrugada, ao deitar-se.

Mas as polcas não quiseram ir tão fundo. Vinham à casa de Pestana, à própria sala dos retratos, irrompiam tão prontas, que ele não tinha mais que o tempo de as compor, imprimi-las depois, gostá-las alguns dias, aborrecê-las, e tornar às velhas fontes, donde lhe não manava nada. Nessa alternativa viveu até casar, e depois de casar.

– Casar com quem? perguntou Sinhazinha Mota ao tio escrivão que lhe deu aquela notícia.

– Vai casar com uma viúva.

– Velha?

Pestana achara-os em algum daqueles becos escuros da memória, velha cidade de traições. Triste, desesperado, saiu de casa, e dirigiu-se para o lado da ponte, caminho de S. Cristóvão.

– Para que lutar? dizia ele. Vou com as polcas... Viva a polca!

Homens que passavam por ele, e ouviam isto, ficavam olhando, como para um doudo. E ele ia andando, alucinado, mortificado, eterna peteca entre a ambição e a vocação... Passou o velho matadouro; ao chegar à porteira da estrada de ferro, teve idéia de ir pelo trilho acima e esperar o primeiro trem que viesse e o esmagasse. O guarda fê-lo recuar. Voltou a si e tornou a casa.

Poucos dias depois, – uma clara e fresca manhã de maio de 1876, – eram seis horas, Pestana sentiu nos dedos um frêmito particular e conhecido. Ergueu-se devagarinho, para não acordar Maria, que tossira toda a noite, e agora dormia profundamente. Foi para a sala dos retratos, abriu o piano, e, o mais surdamente que pôde, extraiu uma polca. Fê-la publicar com um pseudônimo; nos dois meses seguintes compôs e publicou mais duas. Maria não soube nada; ia tossindo e morrendo, até que expirou, uma noite, nos braços do marido, apavorado e desesperado.

Era noite de Natal. A dor do Pestana teve um acréscimo, porque na vizinhança havia um baile, em que se tocaram várias de suas melhores polcas. Já o baile era duro de sofrer; as suas composições davam-lhe um ar de ironia e perversidade. Ele sentia a cadência dos passos, adivinhava os movimentos, porventura lúbricos, a que obrigava alguma daquelas composições: tudo isso ao pé do cadáver pálido, um molho de ossos, estendido na cama... Todas as horas da noite passaram assim, vagarosas ou rápidas, úmidas de lágrimas e de suor, de águas-da-colônia e de Labarraque, saltando sem parar, como ao som da polca de um grande Pestana invisível.

Enterrada a mulher, o viúvo teve uma única preocupação: deixar a música, depois de compor um *Requiem*, que faria executar no primeiro aniversário da morte de

Maria. Escolheria outro emprego, escrevente, carteiro, mascate, qualquer coisa que lhe fizesse esquecer a arte assassina e surda.

Começou a obra; empregou tudo, arrojo, paciência, meditação, e até os caprichos do acaso, como fizera outrora, imitando Mozart. Releu e estudou o *Requiem* deste autor. Passaram-se semanas e meses. A obra, célere a princípio, afrouxou o andar. Pestana tinha altos e baixos. Ora achava-a incompleta, não lhe sentia a alma sacra, nem idéia, nem inspiração, nem método; ora elevava-se-lhe o coração e trabalhava com vigor. Oito meses, nove, dez, onze, e o *Requiem* não estava concluído. Redobrou de esforços; esqueceu lições e amizades. Tinha refeito muitas vezes a obra; mas agora queria concluí-la, fosse como fosse. Quinze dias, oito, cinco... A aurora do aniversário veio achá-lo trabalhando.

Contentou-se da missa rezada e simples, para ele só. Não se pode dizer se todas as lágrimas que lhe vieram sorratamente aos olhos, foram do marido, ou se algumas eram do compositor. Certo é que nunca mais tornou ao *Requiem*.

“Para quê?” dizia ele a si mesmo.

Correu ainda um ano. No princípio de 1878, apareceu-lhe o editor.

– Lá vão dois anos, disse este, que nos não dá um ar da sua graça. Toda a gente pergunta se o senhor perdeu o talento. Que tem feito?

– Nada.

– Bem sei o golpe que o feriu; mas lá vão dois anos. Venho propor-lhe um contrato: vinte polcas durante doze meses; o preço antigo, e uma porcentagem maior na venda. Depois, acabando o ano, podemos renovar.

Pestana assentiu com um gesto. Poucas lições tinha, vendera a casa para saldar dívidas, e as necessidades iam comendo o resto, que era assaz escasso. Aceitou o contrato.

– Mas a primeira polca há de ser já, explicou o editor. É urgente. Viu a carta do Imperador ao Caxias? Os liberais foram chamados ao poder; vão fazer a reforma

eleitoral. A polca há de chamar-se: *Bravos à Eleição Direta!* Não é política; é um bom título de ocasião.

Pestana compôs a primeira obra do contrato. Apesar do longo tempo de silêncio, não perdera a originalidade nem a inspiração. Trazia a mesma nota genial. As outras polcas vieram vindo, regularmente. Conservara os retratos e os repertórios; mas fugia de gastar todas as noites ao piano, para não cair em novas tentativas. Já agora pedia uma entrada de graça, sempre que havia alguma boa ópera ou concerto de artista, ia, metia-se a um canto, gozando aquela porção de cousas que nunca lhe haviam de brotar do cérebro. Uma ou outra vez, ao tornar para casa, cheio de música, despertava nele o maestro inédito; então, sentava-se ao piano, e, sem idéia, tirava algumas notas, até que ia dormir, vinte ou trinta minutos depois.

Assim foram passando os anos, até 1885. A fama do Pestana dera-lhe definitivamente o primeiro lugar entre os compositores de polcas; mas o primeiro lugar da aldeia não contentava a este César, que continuava a preferir-lhe, não o segundo, mas o centésimo em Roma. Tinha ainda as alternativas de outro tempo, acerca de suas composições; a diferença é que eram menos violentas. Nem entusiasmo nas primeiras horas, nem horror depois da primeira semana; algum prazer e certo fastio.

Naquele ano, apanhou uma febre de nada, que em poucos dias cresceu, até virar perniciososa. Já estava em perigo, quando lhe apareceu o editor, que não sabia da doença, e ia dar-lhe notícia da subida dos conservadores, e pedir-lhe uma polca de ocasião. O enfermeiro, pobre clarineta de teatro, referiu-lhe o estado do Pestana, de modo que o editor entendeu calar-se. O doente é que instou para que lhe dissesse o que era; o editor obedeceu.

– Mas há de ser quando estiver bom de todo, concluiu.

– Logo que a febre decline um pouco, disse o Pestana.

Seguiu-se uma pausa de alguns segundos. O clarineta foi pé ante pé preparar o remédio; o editor levantou-se e despediu-se.

VÁRIAS HISTÓRIAS / UM HOMEM CÉLEBRE

– Adeus.

– Olhe, disse o Pestana, como é provável que eu morra por estes dias, faça-lhe logo duas polcas; a outra servirá para quando subirem os liberais.

Foi a única pilhéria que disse em toda a vida, e era tempo, porque expirou na madrugada seguinte, às quatro horas e cinco minutos, bem com os homens e mal consigo mesmo.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de (1835-1908) Um homem célebre. *Várias histórias*. São Paulo: Globo, 1997. p. 37-49 (1ª edição de 1896).

GUIA DE LEITURA

- (1) A que aspecto político do Império o conto faz alusão?
- (2) Que gênero musical, corrente no século 19, o conto menciona?
- (3) Que instrumento musical é mencionado no conto?
- (4) Que gênero de lazer doméstico o conto documenta?
- (5) Que utensílio masculino, comum no século 19, é mencionado no conto?
- (6) Que doença, incurável à época é referida no conto?

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997. Primeira edição de 1870.

FREI SIMÃO

ACERVO
Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe

CAPÍTULO I

FREI SIMÃO era um frade da ordem dos Beneditinos. Tinha, quando morreu, cinqüenta anos em aparência, mas na realidade trinta e oito. A causa desta velhice prematura derivava da que o levou ao claustro na idade de trinta anos, e, tanto quanto se pode saber por uns fragmentos de memórias que ele deixou, a causa era justa.

Era frei Simão de caráter taciturno e desconfiado. Passava dias inteiros na sua cela, donde apenas saía na hora do refeitório e dos ofícios divinos. Não contava amizade alguma no convento, porque não era possível entreter com ele os preliminares que fundam e consolidam as afeições.

Em um convento, onde a comunhão das almas deve ser mais pronta e mais profunda, frei Simão parecia fugir à regra geral. Um dos noviços pôs-lhe alcunha de *urso*, que lhe ficou, mas só entre os noviços, bem entendido. Os frades professos, esses, apesar do desgosto que o gênio solitário de frei Simão lhes inspirava, sentiam por ele certo respeito e veneração.

Um dia anuncia-se que frei Simão adoecera gravemente. Chamaram-se os socorros e prestaram ao enfermo todos os cuidados necessários. A moléstia era mortal; depois de cinco dias frei Simão expirou.

Durante estes cinco dias de moléstia, a cela de frei Simão esteve cheia de frades. Frei Simão não disse uma

palavra durante esses cinco dias; só no último, quando se aproximava o minuto fatal, sentou-se no leito, fez chamar para mais perto o abade, e disse-lhe ao ouvido com voz sufocada e em tom estranho:

– Morro odiando a humanidade!

O abade recuou até a parede ao ouvir estas palavras, e no tom em que foram ditas. Quanto a frei Simão, caiu sobre o travesseiro e passou à eternidade.

Depois de feitas ao irmão finado as honras que se lhe deviam, a comunidade perguntou ao seu chefe que palavras ouvira tão sinistras que o assustaram. O abade referiu-as, persignando-se. Mas os frades não viram nessas palavras senão um segredo do passado, sem dúvida importante, mas não tal que pudesse lançar o terror no espírito do abade. Este explicou-lhes a idéia que tivera quando ouviu as palavras de frei Simão, no tom em que foram ditas, e acompanhadas do olhar com que o fulminou: acreditara que frei Simão estivesse doudo; mais ainda, que tivesse entrado já doudo para a ordem. Os hábitos da solidão e taciturnidade a que se votara o frade pareciam sintomas de uma alienação mental de caráter brando e pacífico; mas durante oito anos parecia impossível aos frades que frei Simão não tivesse um dia revelado de modo positivo a sua loucura; objetaram isso ao abade; mas este persistia na sua crença.

Entretanto "procedeu-se ao inventário dos objetos que pertenciam ao finado, e entre eles achou-se um rolo de papéis convenientemente enlaçados, com este rótulo: "*Memórias que há de escrever frei Simão de Santa Águeda, frade beneditino*".

Este rolo de papéis foi um grande achado para a comunidade curiosa. Iam finalmente penetrar alguma coisa no véu misterioso que envolvia o passado de frei Simão, e talvez confirmar as suspeitas do abade. O rolo foi aberto e lido para todos.

Eram, pela maior parte, fragmentos incompletos, apontamentos truncados e notas insuficientes; mas de tu-

do junto pôde-se colher que realmente frei Simão estivera louco durante certo tempo.

O autor desta narrativa despreza aquela parte das Memórias que não tiver absolutamente importância; mas procura aproveitar a que for menos inútil ou menos obscura.

ACERVO
Dr. Francisco José Alves
Aracaju - Sergipe

CAPÍTULO II

AS NOTAS de frei Simão nada dizem do lugar do seu nascimento nem do nome de seus pais. O que se pôde saber dos seus princípios é que, tendo concluído os estudos preparatórios, não pôde seguir a carreira das letras, como desejava, e foi obrigado a entrar como guarda-livros na casa comercial de seu pai.

Morava então em casa de seu pai uma prima de Simão, órfã de pai e mãe, que haviam por morte deixado ao pai de Simão o cuidado de a educarem e manterem. Parece que os cabedais deste deram para isto. Quanto ao pai da prima órfã, tendo sido rico, perdera tudo ao jogo e nos azares do comércio, ficando reduzido à última miséria.

A órfã chamava-se Helena; era bela, meiga e extremamente boa. Simão, que se educara com ela, e juntamente vivia debaixo do mesmo tecto, não pôde resistir às elevadas qualidades e à beleza de sua prima. Amaram-se. Em seus sonhos de futuro contavam ambos o casamento, cousa que parece mais natural do mundo para corações amantes.

Não tardou muito que os pais de Simão descobrissem o amor dos dous. Ora é preciso dizer, apesar de não haver declaração formal disto nos apontamentos do frade, é preciso dizer que os referidos pais eram de um egoísmo descomunal. Davam de boa vontade o pão da subsistência a Helena; mas lá casar o filho com a pobre órfã é que não podiam consentir. Tinham posto a mira em uma herdeira rica, e dispunham de si para si que o rapaz se casaria com ela.

Uma tarde, como estivesse o rapaz a adiantar a escrituração do livro-mestre, entrou no escritório o pai com ar grave e risonho ao mesmo tempo, e disse ao filho que largasse o trabalho e o ouvisse. O rapaz obedeceu. O pai falou assim:

– Vais partir para a província de ***. Preciso mandar umas cartas ao meu correspondente Amaral, e como sejam elas de grande importância, não quero confiá-las ao nosso desleixado correio. Queres ir no vapor ou preferes o nosso brigue?

Esta pergunta era feita com grande tino.

Obrigado a responder-lhe, o velho comerciante não dera lugar a que seu filho apresentasse objeções.

O rapaz enfiou, abaixou os olhos e respondeu:

– Vou onde meu pai quiser.

O pai agradeceu mentalmente a submissão do filho, que lhe poupava o dinheiro da passagem no vapor, e foi muito contente dar parte à mulher de que o rapaz não fizera objeção alguma.

Nessa noite os dous amantes tiveram ocasião de encontrar-se sós na sala de jantar.

Simão contou a Helena o que se passara. Choraram ambos algumas lágrimas furtivas, e ficaram na esperança de que a viagem fosse de um mês, quando muito.

À mesa do chá, o pai de Simão conversou sobre a viagem do rapaz, que devia ser de poucos dias. Isto reanimou as esperanças dos dous amantes. O resto da noite passou-se em conselhos da parte do velho ao filho sobre a maneira de portar-se na casa do correspondente. Às dez horas, como de costume, todos se recolheram aos aposentos.

Os dias passaram-se depressa. Finalmente raiou aquele em que devia partir o brigue. Helena saiu de seu quarto com os olhos vermelhos de chorar. Interrogada bruscamente pela tia, disse que era uma inflamação adquirida pelo muito que lera na noite anterior. A tia prescreveu-lhe abstenção da leitura e banhos de água de malvas.

Quanto ao tio, tendo chamado Simão, entregou-lhe uma carta para o correspondente, e abraçou-o. A mala e um criado estavam prontos. A despedida foi triste. Os dous pais sempre choraram alguma cousa, a rapariga muito.

Quanto a Simão, levava os olhos secos e ardentes. Era refratário às lágrimas; por isso mesmo padecia mais.

O brigue partiu. Simão, enquanto pôde ver terra, não se retirou de cima; quando finalmente se fecharam de todo as *paredes do cárcere que anda*, na frase pitoresca de Ribeyrolles, Simão desceu ao seu camarote, triste e com o coração apertado. Havia como um pressentimento que lhe dizia interiormente ser impossível tornar a ver sua prima. Parecia que ia para um degredo.

Chegando ao lugar do seu destino, procurou Simão o correspondente de seu pai e entregou-lhe a carta. O Sr. Amaral leu a carta, fitou o rapaz e, depois de algum silêncio, disse-lhe, volvendo a carta:

– Bem, agora é preciso esperar que eu cumpra esta ordem de seu pai. Entretanto venha morar para a minha casa.

– Quando poderei voltar? perguntou Simão.

– Em poucos dias, salvo se as cousas se complicarem.

Este *salvo*, posto na boca de Amaral como incidente, era a oração principal. A carta do pai de Simão versava assim:

Meu caro Amaral,

Motivos poderosos me obrigam a mandar meu filho desta cidade. Retenha-o por lá como puder. O pretexto da viagem é ter eu necessidade de ultimar alguns negócios com você, o que dirá ao pequeno, fazendo-lhe sempre crer que a demora é pouca ou nenhuma. Você, que teve na sua adolescência a triste idéia de engendrar romances, vá inventando circunstâncias e ocorrências imprevistas, de modo que o rapaz não me torne cá antes de segunda ordem. Sou, como sempre, etc.

MACHADO DE ASSIS

CAPÍTULO III

PASSARAM-SE DIAS e dias, e nada de chegar o momento de voltar à casa paterna. O ex-romancista era na verdade fértil, e não se cansava de inventar pretextos que deixavam convencido o rapaz.

Entretanto, como o espírito dos amantes não é menos engenhoso que o dos romancistas, Simão e Helena acharam meio de se escreverem, e deste modo podiam consolar-se da ausência, com presença das letras e do papel. Bem diz Heloísa que a arte de escrever foi inventada por alguma amante separada do seu amante. Nestas cartas juravam-se os dous sua eterna fidelidade.

No fim de dous meses de espera baldada e de ativa correspondência, a tia de Helena surpreendeu uma carta de Simão. Era a vigésima, creio eu. Houve grande temporal em casa. O tio, que estava no escritório, saiu precipitadamente e tomou conhecimento do negócio. O resultado foi proscrever de casa tinta, penas e papel, e instituir vigilância rigorosa sobre a infeliz rapariga.

Começaram pois a escassear as cartas ao pobre deportado. Inquiriu a causa disto em cartas choradas e compridas; mas como o rigor fiscal da casa de seu pai adquiria proporções descomunais, acontecia que todas as cartas de Simão iam parar às mãos do velho, que, depois de apreciar o estilo amoroso de seu filho, fazia queimar as ardentes epístolas.

Passaram-se dias e meses. Carta de Helena, nenhuma. O correspondente ia esgotando a veia inventadora, e já não sabia como reter finalmente o rapaz.

Chega uma carta a Simão. Era letra do pai. Só diferenciava das outras que recebia do velho em ser esta mais longa, muito mais longa. O rapaz abriu a carta, e leu trêmulo e pálido. Contava nesta carta o honrado comerciante que a Helena, a boa rapariga que ele destinava a ser sua filha casando-se com Simão, a boa Helena tinha morrido. O velho copiara algum dos últimos necrológios que

vira nos jornais, e ajuntara algumas consolações de casa. A última consolação foi dizer-he que embarcasse e fosse ter com ele.

O período final da carta dizia:

*Assim como assim, não se realizam os meus negócios; não te pude casar com Helena, visto que Deus a levou. Mas volta, filho, vem; poderás consolar-te casando com outra, a filha do conselheiro***. Está moça feita e é um bom partido, Não te desalentes; lembra-te de mim.*

O pai de Simão não conhecia bem o amor do filho, nem era grande águia para avaliá-lo, ainda que o conhecesse. Dores tais não se consolam com uma carta nem com um casamento. Era melhor mandá-lo chamar, e depois preparar-lhe a notícia; mas dada assim friamente em uma carta, era expor o rapaz a uma morte certa.

Ficou Simão vivo em corpo e morto moralmente, tão morto que por sua própria idéia foi dali procurar uma sepultura. Era melhor dar aqui alguns dos papéis escritos por Simão relativamente ao que sofreu depois da carta; mas há muitas falhas, e eu não quero corrigir a exposição ingênua e sincera do frade.

A sepultura que Simão escolheu foi um convento. Respondeu ao pai que agradecia a filha do conselheiro, mas que daquele dia em diante pertencia ao serviço de Deus.

O pai ficou maravilhado. Nunca suspeitou que o filho pudesse vir a ter semelhante resolução. Escreveu às pressas para ver se o desviava da idéia; mas não pôde conseguir.

Quanto ao correspondente, para quem tudo se embrulhava cada vez mais, dexou o rapaz seguir para o claustro, disposto a não figurar em um negócio do qual nada realmente sabia.

MACHADO DE ASSIS

CAPÍTULO IV

FREI SIMÃO de Santa Águeda foi obrigado a ir à província natal em missão religiosa, tempos depois dos fatos que acabo de narrar.

Preparou-se e embarcou.

A missão não era na capital, mas no interior. Entrando na capital, pareceu-lhe dever ir visitar seus pais. Estavam mudados física e moralmente. Era com certeza a dor e o remorso de terem precipitado seu filho à resolução que tomou. Tinham vendido a casa comercial e viviam de suas rendas.

Receberam o filho com alvoroço e verdadeiro amor. Depois das lágrimas e das consolações, vieram ao fim da viagem de Simão.

– A que vens tu, meu filho?

– Venho cumprir uma missão do sacerdócio que abracei. Venho pregar, para que o rebanho do Senhor não se arrede nunca do bom caminho.

– Aqui na capital?

– Não, no interior. Começo pela vila de ***.

Os dous velhos estremeceram; mas Simão nada viu. No dia seguinte partiu Simão, não sem algumas instâncias de seus pais para que ficasse. Notaram eles que seu filho nem de leve tocara em Helena. Também eles não quiseram magoá-lo falando em tal assunto.

Daí a dias, na vila de que falara frei Simão, era um alvoroço para ouvir as prédicas do missionário.

A velha igreja do lugar estava atopetada de povo.

À hora anunciada, frei Simão subiu ao púlpito e começou o discurso religioso. Metade do povo saiu aborrecido no meio do sermão. A razão era simples. Avezado à pintura viva dos caldeirões de Pedro Botelho e outros pedacinhos de ouro da maioria dos pregadores, o povo não podia ouvir com prazer a linguagem simples, branda, persuasiva, a que serviam de modelo as conferências do fundador da nossa religião.

O pregador estava a terminar, quando entrou apressadamente na igreja um par, marido e mulher: ele, honrado lavrador, meio remediado com o sítio que possuía e a boa vontade de trabalhar; ela, senhora estimada por suas virtudes, mas de uma melancolia invencível.

Depois de tomarem água-benta, colocaram-se ambos em lugar donde pudessem ver facilmente o pregador.

Ouviu-se então um grito, e todos correram para a recém-chegada, que acabava de desmaiar. Frei Simão teve de parar o seu discurso, enquanto se punha termo ao incidente. Mas, por uma aberta que a turba deixava, pôde ele ver o rosto da desmaiada.

Era Helena.

No manuscrito do frade há uma série de reticências dispostas em oito linhas. Ele próprio não sabe o que se passou. Mas o que se passou foi que, mal conhecera Helena, continuou o frade o discurso. Era então outra cousa: era um discurso sem nexos, sem assunto, um verdadeiro delírio. A consternação foi geral.

CAPÍTULO V

O DELÍRIO de frei Simão durou alguns dias. Graças aos cuidados, pôde melhorar, e pareceu a todos que estava bom, menos ao médico, que queria continuar a cura. Mas o frade disse positivamente que se retirava ao convento, e não houve forças humanas que o detivessem.

O leitor compreende naturalmente que o casamento de Helena fora obrigado pelos tios.

A pobre senhora não resistiu à comoção. Dous meses depois morreu, deixando inconsolável o marido, que a amava com veras.

Frei Simão, recolhido ao convento, tornou-se mais solitário e taciturno. Restava-lhe ainda um pouco da alienação.

Já conhecemos o acontecimento de sua morte e a impressão que ela causara ao abade.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de (1835-1908) Simão. IN: *Contos Fluminenses*. São Paulo: Globo, 1997. p. 208-218. 1ª edição de 1870.

GUIA DE LEITURA

- (1) Que ocupação comercial é mencionado no conto?
- (2) O que o conto nos revela sobre os casamento na época?
- (3) Que meio de transporte é citado no conto?

MACHADO DE ASSIS

A cela de frei Simão de Santa Águeda esteve muito tempo religiosamente fechada. Só se abriu, algum tempo depois, para dar entrada a um velho secular, que por esmola alcançou do abade acabar os seus dias na convivência dos médicos da alma. Era o pai de Simão. A mãe tinha morrido.

Foi crença, nos últimos anos de vida deste velho, que ele não estava menos doudo que frei Simão de Santa Águeda.

FIM